

# QUEM É TUA COBERTURA?

UMA ABORDAGEM AO CONCEITO DE LIDERANÇA,  
AUTORIDADE E RESPONSABILIDADE NA  
PRESTAÇÃO DE CONTAS

**FRANK A. VIOLA**

Traduzido para o Português por Railton de Sousa Guedes

Copyrights 2005 (Present Testimony Ministry)

*A todos os Cristãos que buscam reunir-se  
sob a direção de Jesus Cristo,  
com a mesma simplicidade e pureza  
que caracterizou os primeiros crentes.*

## CONTEÚDO

Prólogo .....	3
Prefácio .....	4
Introdução .....	5
Capítulo 1 - Modelos de Liderança .....	7
Capítulo 2 - Objeções Tradicionais .....	15
Capítulo 3 - Autoridade e Submissão .....	25
Capítulo 4 - Cobertura Denominacional .....	34
Capítulo 5 - Autoridade Apostólica I, II, III .....	38
Resumo e Conclusão .....	47
Bibliografia .....	50

# PRÓLOGO

Lembra do conto infantil, *A Nova Roupa do Imperador*? Nele, um menino expressou o que os adultos já sabiam, mas que não se atreviam admitir. Frank Viola, neste relevante tratado acerca da “autoridade na igreja”, é como o menino que finalmente exclama: “O imperador está nu!”.

A maioria dos crentes provavelmente já suspeita que nem tudo vai bem em Sião, mas são lentos para questionar o status quo. Afinal, quem quer ser talhado como perturbador? O fato assombroso do assunto é que a maioria dos sistemas de política eclesiástica não veste o traje Escritural!

Afinal, exatamente quem tem autoridade sobre quem na igreja? Deve um pastor ou uma pluralidade de anciãos controlar uma igreja? Que significa a responsabilidade de prestar contas”? As denominações proporcionam uma proteção contra o erro doutrinal e o fracasso moral? Necessitamos de modernos apóstolos que nos digam o que devemos fazer? Onde em tudo isso se encaixa o dom espiritual de “governar”?

Quando fui pastor de carreira, enfrentei tais temáticas. De modo surpreendente, quando estudei no seminário, nenhum destes temas foi seriamente tratado. Já no ministério, descobri que a maioria dos pastores com quem eu discutia estas coisas nunca haviam pensado realmente nelas. Deixar de acreditar que é necessário haver um só pastor em cada igreja para crer em uma pluralidade de anciãos significou para mim uma paradigmática e maiúscula mudança. Mas isso representou apenas a ponta do iceberg – o tema da liderança é bem mais amplo e a questão de quantos anciãos são necessários a uma igreja chega a ser quase irrelevante.

A exposição de Frank é minuciosa e Bíblica. Destaca cada passagem relevante que trata da liderança e da autoridade. Asseguro-lhes que este livro enriquecerá sua compreensão do significado da autoridade no reino de Deus.

Queira nosso Senhor agradar-se da verdade contida nestas páginas e a utilize para libertar as legiões de seguidores e líderes que estão atolados na escravidão dos sistemas hierárquicos eclesiásticos. Como disse Jesus, “*A verdade vos libertará*”.

Steve Atkerson  
Atlanta, Georgia

# PREFÁCIO À PRIMEIRA E TERCEIRA EDIÇÃO

Em meu último livro, *Rethinking the Wineskin: The Practice of the New Testament Church*, exponho os princípios fundamentais que governavam a igreja primitiva. O livro foi recebido favoravelmente, e influenciou no nascimento de um grupo de igrejas constituídas segundo o modelo do Novo Testamento (NT).

Como era esperado, algumas destas novas e incipientes assembleias passaram a sofrer a oposição dos líderes da igreja organizada. Particularmente, tem gerado penetrantes questões com respeito à autoridade eclesiástica. De fato, tem suscitado as mesmas perguntas que os líderes religiosos fizeram ao nosso Senhor há muitos séculos:

“*Com que autoridade estás fazendo estas coisas? E quem te deu tal autoridade?*” (Mat. 21:23).

Desafortunadamente, não se tem escrito muito para responder a esta pergunta, de modo que me senti na obrigação de abordar o tema aqui e agora.

Parte do conteúdo deste livro coincide com *Repensando os Odres*, mas completa a maneira como abordo os temas de liderança e autoridade. Há também uma considerável variedade de material novo que não é abordado no livro anterior. Por esta razão, esta obra é um verdadeiro complemento de *Repensando os Odres*.

Em minha opinião, o principal valor deste livro consiste nisto: apresenta um modelo arejado que nos permite compreender a liderança, a autoridade e a responsabilidade na prestação de contas. Este modelo é único e origina uma contracultura. Não é teórico. Tem funcionado em muitas igrejas que retornaram ao princípio do NT para fundamentar sua vida corporativa.

Meu objetivo ao escrever, por tanto, é prático e teológico. É construtivo e não controverso. Contudo, pelo fato de ser tão radicalmente diferente do conceito tradicional, não há dúvida que causará surpresa, e mesmo hostilidade.

Frank A. Viola  
Brandon, Florida  
Janeiro, 1998

Esta **TERCEIRA** edição de “Quem é sua Cobertura?” é mais clara e fácil de ler que a original. Como ocorreu com meu primeiro livro, *Repensando os Odres* este volume continua sendo traduzido a muitos e variados idiomas. Tendo isso em vista, senti a necessidade de facilitar a leitura para que minha mensagem chegue a um público mais amplo.

Todos aqueles que leram a obra original poderão apreciar a facilidade de leitura desta edição, assim como o aspecto novo com o qual se apresenta. A fonte é maior e a capa mais atrativa.

Quero agradecer a Mike Biggerstaff pelo intenso trabalho de prova na imprensa. Por conseguinte, qualquer erro tipográfico pode ser debitado de Mike. **Frank A. Viola, Brandon, Florida. Janeiro, 2001**

# INTRODUÇÃO

## “Afiml, quem é tua cobertura?”

Esta é a pergunta concisa feita por muitos cristãos modernos em toda parte aos que se reúnem fora da igreja institucional. Mas, o que há no âmago desta pergunta? Qual sua base bíblica? É disto que nos ocuparemos neste livro.

Sustento que o ensino moderno conhecido como “cobertura protetora” tem gerado uma enorme confusão e uma conduta cristã anômala. Este ensino afirma que os cristãos estão protegidos do erro doutrinal e do fracasso moral quando se submetem à autoridade de outro crente ou organização.

A dolorosa experiência de muitos me levou a concluir que o ensino da “cobertura” é um assunto que perturba grandemente a Sião em nossos dias e exige uma reflexão crítica.

Nas páginas a seguir, tento abrir caminho a través da névoa que rodeia aos temas difíceis vinculados com este ensino. Refiro-me a temas tão espinhosos como o da liderança da igreja, a autoridade espiritual, o discipulado e a responsabilidade de prestar contas. Ademais, busco bosquejar um modelo integral que nos permita entender como opera a autoridade na *ekklesia* (igreja).

## A “Cobertura” está Coberta pela Bíblia?

É surpreendente que a palavra “cobertura” apareça apenas uma vez em todo o NT. É usada referindo-se à cabeça coberta da mulher (1 Cor. 11:15). Ao passo que o Antigo Testamento (AT) utiliza pouco este termo, sempre o emprega referindo-se a uma peça do vestuário natural. Nunca é utilizado de maneira espiritual ligando-o a autoridade e submissão.

Portanto, a primeira coisa que podemos dizer acerca da “cobertura” é que há escassa evidencia Bíblica para construir-se uma doutrina. Não obstante, incontáveis cristãos repetem como papagaios à pergunta “quem-é-tua-cobertura?” e insistem nela como se fosse a prova do ácido que mede a autenticidade de uma igreja ou ministério.

Se a Bíblia silencia com respeito à idéia da “cobertura” o que é que se pretende dizer com a pergunta, “Quem é tua cobertura?” A maioria (se insistíssemos) formularia esta mesma pergunta em outras palavras: “A quem você presta contas?”

Mas isso suscita outro ponto difícil. A Bíblia *nunca* remete a prestação de contas a seres humanos, mas exclusivamente a Deus! (Mat. 12:36; 18:23; Luc. 16:2; Rom. 3:19; 14:12; 1 Cor. 4:5; Heb. 4:13; 13:17; 1 Ped. 4:5).

Por conseguinte, a sadia resposta Bíblica à pergunta “a quem prestas contas?” É bem simples: “*presto contas à mesma pessoa que você, a Deus*”. Assim, pois, é estranho que tal resposta provoque tantos mal entendidos e falsas acusações.

Deste modo, embora o tom e o timbre do “prestar contas” difira apenas da “cobertura”, a cantilena é essencialmente a mesma, e sem dúvida não harmoniza com o inconfundível canto da Escritura.

## Trazendo à Luz a Verdadeira Pergunta que se Esconde Atrás da Cobertura

Ampliemos um pouco mais a pergunta. Que é que se pretende *realmente* dizer na pergunta acerca da “cobertura”? Permito-me destacar que a verdadeira pergunta é, “*Quem te controla?*”.

O (maléfico) ensino comum acerca da “cobertura” realmente se reduz a questões acerca de quem controla quem. De fato, a moderna igreja institucional está construída sobre este controle.

Conseqüentemente, a gente raras vezes reconhece que é isto que está na base da questão, pois se supõe que este ensino esteja bem ancorado nas Escrituras. São muitos os cristãos que crêem que a “cobertura” é apenas um mecanismo protetor.

Assim, pois, se examinarmos o ensino da “cobertura”, descobriremos que está baseado em um estilo de liderança do tipo cadeia de comando hierárquico. Neste estilo de liderança, os que estão em posições eclesiásticas mais altas exercem um domínio tenaz sobre os que estão debaixo deles. É absurdo que por meio deste controle de direção hierárquica de cima para baixo se afirme que os crentes estejam protegidos do erro.

O conceito é mais ou menos o seguinte: todos devem responder a alguém que está em uma posição eclesiástica mais elevada. Na grande variedade das igrejas evangélicas de pós guerra, isto se

traduz em: os “leigos” devem prestar contas ao pastor. Que por sua vez deve prestar contas a uma pessoa que tem mais autoridade.

O pastor, tipicamente, presta contas à sede denominacional, a outra igreja (muitas vezes chamada de “igreja mãe”), ou a um obreiro cristão influente a quem considera ter um posto mais elevado na pirâmide eclesiástica.

De modo que o “leigo” está “coberto” pelo pastor, e este, por sua vez, está “coberto” pela denominação, a igreja mãe, ou o obreiro cristão. Na medida que cada um presta contas a uma autoridade eclesiástica mais elevada, cada um está protegido (“coberto”) por essa autoridade. Esta é a idéia.

Este padrão de “cobertura-responsabilidade em prestar contas” se estende a todas as relações espirituais da igreja. E cada relação é modelada artificialmente para que encaixe neste padrão. É vedada qualquer relação fora disto – especialmente dos “leigos” com respeito aos “líderes”.

Mas esta maneira de pensar gera as seguintes perguntas: Quem cobre a igreja mãe? Quem cobre a sede denominacional? Quem cobre o obreiro cristão?

Alguns oferecem a fácil resposta de que *Deus* é quem cobre estas autoridades “mais elevadas”. Mas esta resposta enlatada demanda outra questão: O que impede que Deus seja diretamente a “cobertura” dos “leigos”, ou mesmo do pastor?

Sem dúvida, o problema real com o modelo “Deus-denominação-clero-leigos” vai bem além da lógica incoerente e danosa a que esta conduz. O problema maior é que este modelo viola o espírito do Novo Testamento, porque por trás da retórica piedosa de “prover da responsabilidade de prestar contas” e de “ter uma cobertura”, surge ameaçador um sistema de governo que carece de sustento bíblico e que é impulsionado por um espírito de controle.

# CAPÍTULO 1

## MODELOS DE LIDERANÇA

Se formos até as raízes, a idéia da “cobertura” repousa sobre uma noção hierárquica de autoridade altamente organizativa. Esta noção foi copiada das estruturas que pertencem a este mundo. De nenhum modo reflete o reino de Deus.

Expliquemos isto com detalhes.

A estrutura de liderança hierárquica que caracteriza a igreja Ocidental, deriva de uma *mentalidade posicional*. Esta maneira de pensar outorga autoridade em termos de espaços a alcançar, descrições objetivas de trabalho a realizar, títulos para exhibir, e postos que fazem valer seus privilégios.

A maneira de pensar posicional revela um grande interesse por estruturas explícitas de liderança. Termos tais como “pastor”, “ancião”, “profeta”, “bispo”, etc, são títulos que representam ofícios eclesiásticos.

Ou seja, um ofício é um espaço definido pelo grupo. Tem uma realidade alheia à pessoa que o ocupa. Também possui uma realidade alheia às ações que a pessoa realiza nesse ofício.

Por contraste, a noção de liderança do NT está arraigada em uma *mentalidade funcional*. Descreve a autoridade em termos de como as coisas operam organicamente. Ou seja, funcionam por meio da vida em Deus.

A liderança descrita no NT atribui um alto valor aos dons especiais, a maturidade espiritual e o serviço sacrificado de cada membro. Enfatiza as funções em vez dos ofícios, as tarefas em vez dos títulos. Seu interesse principal está em atividades tais como *pastore-ar*, *profetiz-ar*, *supervis-ar*, etc. Em outras palavras, o pensamento posicional se apaixona pelos substantivos, enquanto que o pensamento funcional acentua os verbos.

Na ênfase posicional, a igreja deve modelar-se segundo as estruturas corporativas empresariais e militares de nossa cultura. Na ênfase funcional, a igreja opera por meio da vida. O ministério mútuo surge de maneira natural. A estrutura e o ranking estão ausentes.

É comum às igrejas orientadas pela tendência posicional/hierárquica a existência de uma maquinaria política que funciona detrás do cenário, que promove diversas pessoas a posições de poder eclesiástico.

Habitualmente nas igrejas orientadas funcionalmente se manifesta a responsabilidade mútua e a interação colegiada de seus membros. Escutam juntos ao Senhor e se afirmam mutuamente em dons que recebem do Espírito.

Em suma, a orientação que o NT imprime à liderança é orgânica e funcional. Por outro lado, a orientação da liderança posicional/oficial é fundamentalmente mundana. Existe uma afinidade natural entre a orientação posicional/hierárquica e o conceito de “cobertura protetora”.

### Jesus e a Idéia de Liderança Gentílica/Política

O ministério de Jesus com respeito à questão da autoridade clarifica os temas fundamentais que estão por trás da moderna doutrina da “cobertura”. Consideremos como o Senhor contrastava o modelo hierárquico de liderança do mundo gentílico com a liderança no reino de Deus. Depois que Jacobo e João lhe pediram que lhes concedesse altas posições de poder e glória ao seu lado no Seu trono, Jesus os contestou dizendo,

Vocês sabem que os governantes das nações AS DOMINAM, e as pessoas importantes EXERCEM PODER sobre elas. NÃO SERÁ ASSIM ENTRE VOCÊS; ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo, como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos. (Mat. 20:25-28)

E mais uma vez,

...Os reis das nações DOMINAM sobre elas, e os que EXERCEM AUTORIDADE sobre elas são chamados de benfeitores; MAS VOCÊS NÃO SERÃO ASSIM. Ao contrário, o maior entre vocês deverá ser como o mais jovem, e aquele que governa como o que serve. Pois quem é maior, o que está à mesa, ou o que serve? Não é o que está à mesa? Mas eu estou entre vocês como o que serve. (Luc. 22:25-27).

A palavra grega traduzida por “exercem sua autoridade” em Mateus é *katexousiazō* que é uma combinação de duas palavras gregas: *katá*, que significa sobre, e *exousiazō*, que significa exercer autoridade. O Senhor também utiliza nesta passagem a palavra grega *katakuriēuo* que significa “controlar” ou “dominar” aos demais. O que Jesus condena nestas passagens não é apenas os líderes opressores como tais, mas a *forma* hierárquica de liderança que domina o mundo gentílico.

Isto merece ser repetido: Jesus condenou não apenas os líderes tirânicos, condenou também a própria forma de liderança hierárquica!

Qual é a forma hierárquica de liderança? É o estilo de liderança fundado na idéia pobre de que o poder e a autoridade fluem de cima para baixo. Essencialmente, está construída em uma estrutura social de cadeia de comando.

A liderança hierárquica está baseada em um conceito mundano de poder. Isto explica porque esta fórmula é comumente usada em todas as burocracias tradicionais. Está presente nas formas corruptas do feudalismo senhor/vassalo e amo/escravo. Também pode ser vista nas esferas altamente estilizadas e reguladas das sociedades militares e empresariais do primeiro mundo.

O estilo de liderança hierárquico, mesmo que não seja cruel, é prejudicial para o povo de Deus, porque reduz as relações humanas a associações estilo comando. Com isto quero dizer que as relações se ordenam na forma de uma estrutura militar do tipo cadeia de comando. Estas relações são alheiras à prática e ao pensamento do NT.

A liderança hierárquica está estabelecida em todas as esferas da cultura pagã. Lamentavelmente foi adotada pela maioria das igrejas cristãs de nossos dias.

Resumindo o ensino de nosso Senhor acerca deste estilo de liderança, tornam-se evidentes estes marcantes contrastes.

- No mundo gentílico, os líderes operam sobre a base de uma estrutura social política, tipo cadeia de comando – uma hierarquia. No reino de Deus, a liderança flui da mansidão e do serviço sacrificado.
- No mundo gentílico, a autoridade está baseada na posição e no ranking. No reino de Deus, a autoridade está cimentada no caráter piedoso. Note a descrição que Cristo faz dos líderes: “*será* vosso escravo” e “*seja...* como o menor”. Aos olhos do Senhor, *ser* precede ao *fazer*, e o *fazer* surge do *ser*. Em outras palavras, a função segue o caráter. Os que servem, fazem assim porque *são* servos.
- No mundo gentílico, a grandeza se mede pela proeminência, pelo poder externo e pela influência política. No reino de Deus, a grandeza se mede pela humildade interna e pelo serviço externo.
- No mundo gentílico os líderes se aproveitam de suas posições quando governam os demais. No reino de Deus os líderes rechaçam toda classe de reverência especial e vêem a si mesmos como “o menor”.

Em suma, as estruturas hierárquicas de liderança caracterizam o espírito dos gentios. Portanto, a implantação destas estruturas entra em choque com o cristianismo do NT. Nosso Senhor não exitou quando declarou Seu implícito desprezo pela noção gentílica de liderança, porque claramente disse: “não será assim entre vocês”.

Considerando tudo isso, no ensino de Cristo não há lugar para o modelo de liderança hierárquica que caracteriza a moderna igreja.

### **Jesus e o Modelo de Liderança Judaico/Religioso**

Jesus também contrastou a liderança no reino com o modelo de liderança que caracteriza o mundo religioso. No texto adiante, o Senhor expressa vividamente a perspectiva de Deus com respeito à autoridade, em contraste com o conceito judaico:

Mas vocês não devem ser chamados ‘rabis’; um só é o Mestre de vocês, E TODOS VOCÊS SÃO IRMÃOS. A NINGUÉM NA TERRA CHAMEM ‘PAI’, porque vocês só têm um Pai, aquele que está nos céus. TAMPOUCO VOCÊS DEVEM SER CHAMADOS ‘CHEFES’, porquanto vocês têm um só Chefe. O Cristo. O maior entre vocês deverá ser servo. Pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado. (Mat. 23:8-12). O ensino de Cristo nesta passagem é o seguinte:

- No clima religioso dos judeus existia um sistema de classes formado por religiosos, especialistas do tipo guru, e os não especialistas. No reino, *todos* são irmãos da mesma família.



- No mundo judaico, aos líderes religiosos são outorgados títulos honoríficos (por exemplo, Chefes, Pai, Reverendo, Pastor, Sacerdote, Ministro, etc.). No reino não há distinções de protocolo. Estes títulos obscurecem o incomparável lugar de honra que corresponde a Jesus e empana a revelação do NT que contempla todos os cristãos como ministros e sacerdotes.
- No mundo judaico, os líderes são elevados a posições de proeminência em uma posição de poder. No reino, os líderes encontram seu trabalho no parâmetro simples do serviço e na modesta convicção da humildade.
- No mundo judaico, a liderança se fundamenta no status, nos títulos e na posição. No reino, a liderança está arraigada na vida interior e no caráter. (Nesse mesmo tom, a mania tão comum de outorgar “doutorados” honoris causa a um incontável número de clérigos é apenas um exemplo de como a igreja moderna reflete aqueles valores de liderança que vão contra o reino de Deus).

Em suma, há um grande abismo entre a liderança segundo Jesus e o que vemos na maioria das modernas igrejas. O Senhor imprimiu um golpe de morte aos modelos de liderança gentílicos/hierárquicos e judaicos/posicionais.

Estes modelos que incham o ego são incompatíveis com a simplicidade da igreja primitiva e o reino de Jesus Cristo. Ambos sistemas impedem o progresso do povo de Deus, eliminam a funcionalidade do sacerdócio dos crentes, rompem a imagem da igreja como uma família, e põe severas limitações ao Governo de Cristo. Por estas razões “não será assim” entre os que levam o nome do Salvador.

### **Os Apóstolos e a Liderança Posicional/Hierárquica**

Não há dúvidas de que nosso Senhor condenou as estruturas de liderança posicionais/hierárquicas. Mas, e quanto a Paulo e outros apóstolos?

Contrariamente à idéia popular, as cartas do NT nunca falam dos líderes da igreja em termos de “ofícios” e outros convencionalismos da organização social humana. (Um pouco mais adiante trataremos com as várias passagens que alguns usam para respaldar os “ofícios” eclesiásticos).

Sempre que o NT descreve aqueles que são *principalmente* responsáveis pela supervisão espiritual, se refere ao trabalho que desempenham. Por esta razão, domina a linguagem funcional. Os verbos são proeminentes.

Os *episcopos* [episkópois = palavra que descreve a pessoa com função pastoral] locais são chamados anciãos e supervisores (Tito 1: 5-7). Isto se deve ao fato de que cumpriam com seu labor enquanto anciãos, atuando como modelos de maturidade para os menos maduros (1 Ped. 5.3). Também supervisavam – cuidavam do bem estar espiritual da igreja (1 Ped. 5:2).

A tarefa dos anciãos também se descreve por meio da metáfora do “pastor” (Atos. 20:28; 1 Ped. 5:1-4). Isto se deve ao fato de serem vigilantes, do mesmo modo que os pastores, em seu sentido literal, cuidam das ovelhas.

Por conseguinte, se igualamos os *episcopos* a um espaço sociológico (um ofício) corremos um considerável risco. Temos que restringir o termo “pastor” a seu significado essencial (alguém que se ocupa de ovelhas). Também devemos restringir o vocábulo “ancião” a seu significado básico (um homem idoso). Sem deixar de mencionar que é necessário fazer o mesmo com a palavra “provedor” (alguém que provê cuidado aos outros).

É importante levar em conta que todos os cristãos participam da liderança corporativa. Cada membro dirige quando exercita seu dom espiritual. Como está demonstrado em *Repensando os Odres*, a direção e a tomada de decisões pertence a toda igreja. A supervisão vem dos anciãos na medida em que surgem (e isto leva um tempo).

### **O rol dos Anciãos/Supervisores**

No idioma grego, ancião (*presbíteros*) simplesmente significa um homem idoso. Por conseguinte, um ancião é um santo maduro ou um irmão mais velho.

Os anciãos do NT, por conseguinte, eram simplesmente homens espiritualmente maduros – Cristãos exemplares que supervisionavam (não controlavam nem dirigiam) os assuntos da igreja local.

Os anciãos não eram figuras decorativas da organização, pregadores assalariados, clérigos profissionais nem altos funcionários eclesiásticos. Simplesmente eram irmãos mais maduros (anciãos de fato) levando a cabo funções reais (pastor-*eando*, supervision-*ando*, etc.).

Seu labor principal era triplo: ser *modelos* de serviço na assembleia, *motivar* aos santos para as obras de serviço e *modelar* o desenvolvimento espiritual dos crentes mais jovens (1 Pe. 5:1-3). Os anciãos eram também os que lidavam com situações difíceis na igreja (Atos 15:6ss).

Mas os anciãos nunca tomavam decisões pela igreja. Como descrevo em meu livro *Repensando os Odres*, o método do NT para a tomada de decisões não era ditatorial nem democrático, mas consensual e envolvia todos os irmãos e irmãs.

Como vigilantes, os anciãos *supervisionavam* a obra dos demais (em vez de *substituí-la*). Oravam com os olhos abertos e tinham suas antenas espirituais constantemente erigidas para descobrir e enfrentar os lobos. Como homens de mais idade, sua sabedoria era procurada em tempos de crise, e quando falavam, suas vozes tinham o peso da experiência.

Dotados de um coração de pastor, os anciãos levavam continuamente as cargas da igreja. Ajudavam a guiar, proteger e alimentar os crentes mais jovens até que estes pudessem caminhar pelos próprios pés.

Falando de maneira simples, os anciãos eram facilitadores espirituais que proporcionavam direção, abasteciam de alimento, e alentavam o compromisso entre os membros e a igreja. Ser ancião, portanto, é algo que alguém *faz* em vez de um espaço que alguém *ocupa* ou uma cadeira que alguém senta.

O NT confirma isto bem claramente; porque se Paulo e os outros apóstolos desejassem descrever os líderes da igreja como ocupantes de cargos oficiais, teriam a disposição numerosos termos gregos que poderiam ter utilizado para isso.

Portanto, é bem significativo que os seguintes termos gregos estejam ausentes do vocabulário eclesiástico dos apóstolos:

- *Arjé* (chefe, governante, oficial de tropa)
- *time* (um oficial ou dignatário)
- *telos* (o poder inerente de um governante)
- *arjisináogos* (oficial da sinagoga)
- *hazzan* (líder da adoração pública)
- *taxis* (posto, posição ou ranking)
- *hieratéia* (ofício de um sacerdote)
- *arjón* (governante ou principal)

O NT nunca emprega nenhuma destas palavras para descrever líderes na igreja. Como sucede com Cristo, a palavra favorita dos apóstolos para descrever líderes da igreja é *diákonos* -que significa servidor ou ajudante.

A tendência de referir-se aos líderes-servos da igreja como ocupantes de cargos oficiais e clérigos profissionais contrasta com seu verdadeiro significado na linguagem bíblica e impossibilita o sacerdócio dos crentes.

## **O Problema do Moderno Rol Pastoral**

Pela mesma razão, a noção comumente aceita do “pastor único” (um só pastor) entra em choque com a noção do NT. Não há uma palavra na Bíblia que descreva alguém no timão de uma igreja local, dirigindo seus assuntos, pregando a cada domingo, conduzindo batismos, e oficiando o serviço da comunhão (ou Ceia do Senhor).

O “rol pastoral” profissional altamente especializado do moderno protestantismo é uma novidade pós-bíblica que evoca uma tradição sacerdotal inventada pelos homens. Em sua essência é uma herança do romanismo (o sacerdote) que reflete os pobres e débeis elementos da economia levítica.

O rol pastoral é tão pernicioso que perverte a muitos que ocupam tal posição. Os que são seduzidos por símbolos do êxito que rodeia o clericalismo profissional, sempre terminam sendo virtualmente corrompidos por ele. Deus nunca chama ninguém para que carregue sobre seus ombros o pesado encargo de ministrar as necessidades da igreja.

Quiçá a característica mais desalentadora do moderno rol pastoral é que mantém na infância espiritual as pessoas que afirma servir. Na medida em que o rol pastoral usurpa o direito do crente de ministrar de uma maneira espiritual, termina deformando o povo de Deus, fazendo-o débil e inseguro.

Claro que muitos que atuam neste rol o fazem por razões saudáveis, e não são poucos aqueles que desejam sinceramente que seus irmãos assumam uma responsabilidade espiritual. (Muitos pastores vivem com esta frustração, mas poucos relacionam o problema com sua profissão).

Assim, pois, o moderno ofício de “pastor” sempre sufoca e arrebatava o poder do sacerdócio dos crentes, sem levar em conta o quão fora de controle pode chegar a ser a pessoa que alcança esta posição.

Na medida em que o pastor assume a carga de trabalho, a maioria dos irmãos mergulha na passividade, pesarosos e egoístas deixam de crescer espiritualmente. Desta maneira, é inevitável que pastores e congregações terminem igualmente convertendo-se em inválidos espirituais, inutilizados por este ofício antibíblico.

O NT chama Paulo de “apóstolo”, Filipe de “evangelista”, Manaén de “mestre” e Agabo de “profeta”, mas nunca identifica alguém como pastor! De fato, a palavra “pastor” é utilizada apenas uma vez em todo o NT (veja Efésios 4:11). “Pastor” é usado como *metáfora* descritiva, nunca como título ou ofício eclesiástico. Isso não é levado em conta na prática comum. Em nossos dias o “pastor” é tido como a figura mais valiosa da igreja, e seu nome brilha com destaque nas igrejas em todas as partes da União Estadunidense. (É de se perguntar porque os nomes dos outros ministérios não aparecem nestas luminárias quando o NT lhes outorga bem maior atenção).

O rol pastoral moderno sufoca a Chefatura de Jesus Cristo e tem um efeito espiritual paralisante na igreja. Despoja-a de sua plena função sacerdotal (de *todos* os crentes) tão amada por Deus. Além disso, a própria presença do pastor dilui e afoga os crentes “ordinários” que são igualmente talentosos para pastorear e ensinar o rebanho. (Não percebem o fato de que a Bíblia ensina que cada igreja deve ter múltiplos pastores e que todos os membros têm a responsabilidade pastoral).

Tipicamente, se alguém, que não seja o pastor, se atreve a pastorear ou ensinar as ovelhas (mesmo se esse alguém é digno de confiança, maduro e espiritualmente inteligente), o pastor se sentirá ameaçado e o colocará de lado com o pretexto de “proteger” o rebanho.

Sendo mais específico e direto, a idéia que se tem hoje em dia do “pastor” está bem distante do pensamento de Deus. Impõe à dinâmica da comunidade do NT a camisa de força do Antigo Testamento.

No obstante, apesar das tragédias espirituais que isto engendra, as massas continuam dependendo, defendendo e insistindo na existência deste rol tão antibíblico. Por esta razão os chamados “leigos” são tão responsáveis pelo problema do clericalismo como o próprio “clero”. Como diz Jer. 5:31, “*os profetas profetizam mentiras, os sacerdotes governam por sua própria autoridade, e o meu povo gosta destas coisas. Mas o que vocês farão quando tudo isso chegar ao fim?*”

Falando com toda franqueza, os cristãos preferem a comodidade de ter alguém de fora encarregado da responsabilidade do ministério e pastoreio. Para eles, é melhor pagar um especialista religioso que atenda às necessidades dos irmãos, do que se molestar com as demandas espirituais do serviço e cuidado pastoral, coisas que podem colocar em risco a própria vida.

As palavras do antigo profeta captam o desgosto do Senhor com esta maneira de pensar: “*Eles instituíram reis sem o meu consentimento, escolheram líderes sem a minha aprovação.*” (Ose 8:4a).

À luz destes graves fatos, alguém pode perguntar inteligentemente como é que o moderno rol pastoral continua sendo a forma geralmente aceita de liderança na igreja de hoje. A resposta está profundamente arraigada na história da Reforma, e continua sendo reforçada pelos imperativos culturais atuais.

Nossa obsessão Ocidental no século XX por ofícios e títulos nos levou a contrapor nossas próprias idéias sobre ordem eclesiástica às do NT. Não obstante, o espírito e os valores das epístolas do NT militam contra a idéia do sistema de um único pastor, assim como do ancião, enquanto ofício.

A Escritura igualmente milita contra o conceito de “pastor *principal*”, que consiste na prática comum de elevar um dos pastores (anciãos) a uma posição proeminente de autoridade. Mas o NT em parte alguma aprova a noção de *primos inter pares* – “primeiro entre iguais”. Certamente não de uma maneira oficial ou formal.

Esta ruptura entre “o pastor” e os demais anciãos é um acidente da história. Na medida em que isto se encaixa perfeitamente bem com nossa maneira aculturada de pensar Ocidental, os crentes modernos não têm problema em crer que a Escritura ensina esta falsa dicotomia.

Em suma, o moderno rol pastoral é pouco mais que uma mescla de liderança, administração, psicologia e oratória do tipo “um-pacote-para-tudo”; tudo em um único pacote para o consumo religioso. Como tal, o rol sociológico do pastor, como se pratica no Ocidente, tem poucos pontos de contato com algo ou alguém do NT.

## **O Dramático Desprezo com que o Novo Testamento Trata os Líderes**

As cartas de Paulo têm muito a dizer com respeito à importância de uma vida exemplar, mas *não* mostram interesse no cargo titular ou formal. Este fato merece muito mais atenção do que até agora recebeu.

Considere o que segue. Cada vez que Paulo escrevia a uma igreja em crise sempre se dirigia à *própria igreja* em vez de dirigir-se a seus líderes. Esta prática é constante desde a primeira até a última de suas epístolas. (Note que as “Epístolas Pastorais” – 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito – foram escritas para os colaboradores *apostólicos* de Paulo e não para as igrejas).

Permita-me repetir isso. Cada vez que Paulo escrevia uma carta a uma igreja, ela era dirigida a toda igreja. Paulo nunca escreveu a um líder ou a líderes! Gálatas 1: 1-2: *Paulo, apóstolo enviado, não por parte de homens nem por meio de pessoa alguma, mas por Jesus Cristo e por Deus. . . às igrejas da Galácia.* 1 Tessalonicenses 1:1: *Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses...* 2 Tessalonicenses 1:1: *Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo...* 1 Coríntios 1:1-2: *Paulo, chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus. . . à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, juntamente com todos os que, em toda parte, invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.* 2 Coríntios 1:1: *Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos de toda a Acaia.* Romanos 1:1,7: *Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus. . . a todos que em Roma são amados de Deus e chamados para serem santos.* Colossenses 1:1: *Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, aos santos e fiéis irmãos em Cristo Jesus que estão em Colossos.* Efésios 1:1 *Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso.* Filipenses 1:1: *Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos (episkópois = vigilantes) e diáconos (diakónois = servidores).*

É notável observar que cada igreja a que Paulo escreveu estava em crise (exceto a de Éfeso). Não obstante, Paulo nunca recorre aos anciãos de nenhuma delas!

Tomemos Corinto, por exemplo, a igreja com maiores problemas que se menciona no NT. Em toda a correspondência aos Coríntios, Paulo não se dirige aos anciãos, nem lhes repreende, nem recomenda que se lhes obedeça. De fato, nem mesmo os menciona!

Em vez disso Paulo recorre a *toda a igreja*. Lhes mostra que sua responsabilidade é tratar com as feridas que a igreja infringiu a si mesma. Paulo encarrega e implora “aos irmãos” mais de trinta vezes em 1 Coríntios, e lhes escreve como se não existissem cargos oficiais.

Se existissem cargos oficiais em Corinto, Paulo certamente se dirigiria a eles para que solucionassem os males. Mas nunca faz isso. No final da carta, conclama os Coríntios a se colocarem a disposição de Estefanas, que se havia dedicado a servir aos crentes. Em seguida, amplia este grupo, incluindo “*todos os que cooperam e trabalham conosco*”. (1 Cor. 16:15-16).

Note que Paulo enfatiza a função, nunca a posição. Dirige a ênfase a toda a igreja. A totalidade da carta aos Coríntios é uma súplica a toda a assembléia para que se encarregue de resolver seus próprios problemas.

Provavelmente, o exemplo mais claro da ausência de anciãos-com-cargos-oficiais em Corinto se encontra em 1 Coríntios 5. Ali Paulo convoca toda a igreja para disciplinar um membro caído entregando-o a Satanás (1 Cor. 5:1ss.). Sua exortação se opõe à idéia bem em voga de que apenas os que possuem “poder eclesiástico” estão qualificados para estas delicadas tarefas.

A diferença na maneira com que Paulo considera aos anciãos e a forma como as igrejas modernas os consideram é extraordinária. Paulo não menciona os anciãos nem mesmo uma única vez em nenhuma de suas nove cartas às igrejas! Incluindo seu tratado ultracorretivo aos Gálatas. Pelo contrário, Paulo persistentemente insta aos “irmãos” à ação.

Na última carta que dirige a uma igreja, Paulo finalmente menciona os *episcopos* em uma saudação inicial, e de uma maneira bem breve. Saúda aos *episcopos* somente *depois* de saudar toda a igreja (Fil. 1.1).

Esta tendência é notável no livro aos Hebreus. Ao longo de toda epístola o escritor se dirige a toda igreja. Somente no final da carta e de maneira informal pede aos santos que saúdem seus *episcopos* (Heb. 13:24).

Em suma, a evidente falta de atenção que Paulo dá aos líderes da igreja demonstra que rechaçava a idéia de que certas pessoas na igreja possuíam direitos formais sobre outras. Também se destaca o fato de que Paulo não cria em cargos oficiais eclesiásticos.

As cartas de Pedro ensinam o mesmo. Como Paulo, Pedro escreve suas cartas às igrejas, e nunca a seus líderes. Concede um espaço limitado aos anciãos, e quando o faz, lhes adverte que não adotem o espírito dos Gentios. Enfatiza especialmente que os anciãos estão *em meio* ao rebanho e não *sobre* ele (1 Pedro 5:1-2).

Aos anciãos diz que não devem agir como dominadores (*katakuriéuo*) sobre os que estão a seu cuidado (1 Ped. 5:3). De modo significativo, Pedro usa a mesma palavra que Jesus empregou em sua discussão acerca da autoridade. Estas foram exatamente Suas palavras: “. . . os governantes das nações as dominam (*katakuriéuo*). . . não será assim entre vocês” (Mat. 20:25).

Encontramos esta mesma ênfase no livro de Atos. Ali Lucas conta a história de como Paulo exortava aos anciãos de Éfeso: “cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho *no meio* do qual o Espírito Santo os colocou como *episcopos*...” (Atos 20:28 NASB). Note que os anciãos estão “no meio”, e não “sobre” o rebanho.

Tiago, João e Judas escrevem no mesmo tom. Dirigem suas cartas às igrejas e não aos líderes. Tem bem pouco a dizer acerca da liderança e nada a dizer acerca dos anciãos como ocupantes de cargos oficiais.

Por conseguinte, é bem claro que o NT rechaça sistematicamente a noção de cargos oficiais eclesiásticos na igreja. Nesta mesma linha minimiza grandemente o rol dos anciãos.

### **Anciãos versus Irmandade**

Fariamos bem em perguntar a razão pela qual o NT concede tão pouco espaço aos anciãos das igrejas. A razão, quase sempre ignorada e que soa estranha aos ouvidos institucionais é simplesmente esta: a maior parte da responsabilidade do cuidado pastoral, do ensino e do ministério na *ekklesia* descansa diretamente sobre os ombros de todos os irmãos e irmãs!

As riquezas da perspectiva do Corpo de Cristo que emana da visão de Paulo se deriva de sua ênfase constante em que cada membro possui um dom do Espírito (1 Cor. 12:7,11), tem um ministério e é um “crente responsável” no Corpo (Rom. 12:6; 1 Cor. 12:1ss.; Efe. 4:7; 1 Ped. 4:10). Como conseqüência, a responsabilidade ministerial nunca deve estar restrita a alguns poucos.

Isto explica por quê a palavra *adelfoi*, traduzida como “irmãos”, aparece 346 vezes no NT e 134 vezes só nas epístolas de Paulo. A maioria das vezes esta palavra é a forma abreviada que Paulo usa referindo-se a todos os crentes da igreja, homens e mulheres. Em contraste, a palavra “anciãos” aparece somente cinco vezes nas epístolas de Paulo. A palavra “*episcopos*” aparece nada mais que quatro vezes e a palavra “pastores” aparece apenas uma única vez!

O NT enfatiza a responsabilidade *coletiva*. É a *comunidade crente* que é chamada a levar a cabo as funções pastorais. Os irmãos e as irmãs (= toda a igreja) são chamados a: Organizar suas próprias questões (1 Cor. 11:33-34; 14: 39-40; 16:2-3); Disciplinar membros caídos (1 Cor. 5:3-5; 6:1-6);

Admoestar indisciplinados (1 Tes. 5:14); Animar desanimados (1 Tes. 5:14); Apoiar débeis (1 Tes. 5:14); Abundância na obra do Senhor (1 Cor. 15:58); Admoestação mútua (Rom. 15:14); Ensino mútuo (Col. 3:16); Profetização mútua (1 Cor. 14:31); Serviço mútuo (Gál. 5:13); Auxílio mútuo (Gál. 6:2); Preocupação mútua (1 Cor. 12:25); Amor mútuo (Rom. 13:8; 1 Tes. 4:9); Honra e preferência mútua (Rom. 12:10); Bondade e tolerância mútua (Efe. 4:32); Edificação mútua (Rom. 14:19; 1 Tes. 5:11b); Compassividade e paciência mútua (Efe. 4:2; Col. 3:13); Exortação mútua (Heb. 3:13; 10:25);

Estímulo mútuo e amor pelas boas obras (Heb. 10:24); Ânimo mútuo (1 Tes. 5:11a); Oração mútua (Stg. 5:16); Hospitalidade mútua (1 Ped. 4:9); Comunhão mútua (1 Jn 1:7); Confissão mútua dos pecados (Stg. 5:16). Com dramática clareza, todas estas exortações “mútuas” encarnam a indiscutível realidade de que cada membro da comunidade deve assumir a responsabilidade do cuidado pastoral. A liderança é um assunto coletivo e não algo que alguém realiza sozinho. O Corpo como um todo deve assumir esta responsabilidade.

Por conseguinte, a idéia de que os anciãos dirigem os assuntos da igreja, tomam decisões pela assembléia, tratam de todos seus problemas e provêem ensino, é algo alheio ao pensamento de Paulo. Semelhante idéia é uma fantasia e carece de respaldo bíblico. Não é de estranhar o atrofiamento da maturidade espiritual nas igrejas guiadas por anciãos, onde a maior parte dos membros se converte em espectadores passivos e indolentes.

Em suma, o NT não contém uma só palavra acerca de uma igreja governada ou dirigida por anciãos. E menos ainda de uma igreja conduzida por um pastor! A igreja do primeiro século estava nas mãos de um coletivo composto por irmãos e irmãs. Pura e simplesmente.

O exemplo da igreja primitiva nos mostra como o ministério de todo o Corpo deve sobrepujar o rol supervisor dos anciãos. Devido a sua maturidade espiritual, os anciãos representavam mais um modelo de cuidado pastoral (Atos 20:28-29; Gál 6:1; Heb. 13:17b). Sua meta, juntamente com os obreiros extra locais, era habilitar os santos para que assumissem sua responsabilidade a favor do rebanho (Efe. 4:11-12; 1 Tes. 5:12-13). Os anciãos podem ser simultaneamente profetas, mestres e evangelistas; mas nem todos profetas, evangelistas e mestres são anciãos. (Uma vez mais, os anciãos são os homens mais confiáveis e maduros da igreja).

O NT enfatiza a responsabilidade da igreja como um todo. A liderança e a responsabilidade pastoral repousa sobre os ombros de *cada membro* da igreja, e não sobre as costas de determinada pessoa ou grupo.

Na eclesiologia divina, a *irmandade* preenche e suplanta o *grupo de anciãos*. Isto explica por que as cartas de Paulo se tornam pesadas quando tratamos de forçar a idéia de títulos e cargos oficiais. Paulo ensina a liderança coletiva e condena o caciquismo espiritual de uma chefatura suprema. Por esta razão, fala bem mais acerca da *irmandade* que dos anciãos.

O testemunho do NT denunciando a autoridade posicional/hierárquica é evidentemente claro, e está em perfeita harmonia com o ensino de nosso Senhor Jesus. Como tal, a palavra final ao cristão com respeito às estruturas de liderança gentílicas e judaicas está encarnada na penetrante frase de nosso Senhor: “*Não será assim entre vocês*”. (Mat. 20:26). Este é o eixo de toda a questão.

# CAPÍTULO 2

## OBJEÇÕES TRADICIONAIS

Ao longo dos séculos, certas passagens do NT foram manipuladas para respaldar estruturas de liderança hierárquica e ofícios na igreja. Isto provocou muito dano no Corpo de Cristo.

Como vimos no capítulo anterior, a ênfase do NT com relação ao ministério de liderança está na “ação” e no “funcionamento”, e não na “posição” e no “cargo”. De fato, na igreja primitiva não havia coisas como “ofícios eclesiásticos”.

A noção de autoridade posicional/hierárquica é em parte resultado de traduções ruins e interpretações ainda piores de certas passagens bíblicas. Estas más traduções e interpretações resultaram da influência de diversos fatores culturais. Estes fatores tergiversaram o significado original da linguagem bíblica. Transformaram simples palavras em títulos eclesiásticos carregados de poder.

Assim, tais títulos não têm origem na Santa Escritura. Por isso é necessária uma releitura do NT em sua língua original para compreender adequadamente certos textos. Uma visita ao texto grego nos permite levantar sobriamente os seguintes fatos:

- Os bispos são simples guardiões (*episkópoi*), e não altos dignitários eclesiásticos.
- Os pastores são vigilantes (*poiménes*), e não estrelas profissionais do púlpito.
- Os ministros são ajudantes (*diákonoi*), e não clérigos.
- Os anciãos são gente idosa e madura (*presbíteroi*) e não ofícios eclesiásticos.

É com gratidão que vemos como um crescente número de eruditos do NT está descobrindo que a terminologia de “liderança” do NT possui matizes descritivos que denotam funções especiais na igreja, em vez de posições formais.

O que segue é uma lista de objeções comuns que surgem a respeito da idéia de que liderança na igreja não é cargo oficial, título, nem posto hierárquico. Cada objeção é seguida por uma clara resposta.

### Objecções do Livro de Atos e do Corpus Paulino

(1) *Atos 1:20, Romanos 11:13, 12:4 e 1 Timóteo 3:1,10,13 não se referem a ofícios eclesiásticos?*

A palavra “ofício” [ou “cargo oficial”] em todas estas passagens é inapropriada, porque não há equivalente no texto original. De fato, em nenhuma parte do texto grego do NT encontramos o equivalente a “ofício” sendo utilizado em conexão com algum ministério, função ou liderança na igreja. A palavra grega para “ofício” se emprega unicamente referindo-se ao Senhor Jesus em Seu ofício de Sacerdote (Heb. 5-7). Também é usada referindo-se ao sacerdócio Levítico (Luc. 1:8).

A versão inglesa King James [KJV] traduz equivocadamente Romanos 11:13: “. . . I magnify mine office” [“enalteço meu ofício”]. A palavra grega aqui traduzida como “ofício” significa serviço, e não ofício. Por conseguinte, uma melhor tradução de Romanos 11.13 seria, “. . . honro meu serviço [o ministério] (*diakonía*)”.

De maneira semelhante, Romanos 12:4 seria mais bem traduzido assim: “. . .nem todos os membros tem a mesma função (*praxis*)”. No grego a palavra *praxis* significa uma atividade, uma prática ou função, em vez de um ofício ou posição (veja a Bíblia Textual [BT], a Nova Versão Internacional [NVI] e a Bíblia das Américas [BA]).

Por último, 1 Timóteo 3:1 na KJV é traduzido assim: “If a man desires the office of a bishop...” [“Se um homem deseja o ofício de um bispo...”]. Mas uma tradução mais precisa seria: “Se alguém aspira vigiar...” (veja também a tradução da Bíblia de J.N. Darby).

(2) *A lista de requisitos que Paulo apresenta nas Epístolas Pastorais, ou seja, 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:7-9 não indica que ancião se refere a um ofício?*

As cartas de Paulo a Timóteo e a Tito foram denominadas “Epístolas Pastorais” no século XVIII (“Pastoral Letters”, *Dictionary of Paul and His Letters*, InterVarsity Press). Mas tal título não é correto.

Timóteo e Tito nunca foram pastores! Eram colaboradores apostólicos normalmente itinerantes. Bem raramente se detinham em algum lugar por um longo período de tempo. (Por exemplo, Paulo enviou Tito a Creta e Timóteo a Éfeso para fortalecer aquelas igrejas e corrigir alguns problemas internos).

Pelo fato de viajarem por diversos lugares plantando igrejas, Paulo nunca chamou Timóteo e Tito de anciãos ou pastores. Estes homens formavam parte do círculo apostólico de Paulo – um grupo que se

destacou por suas contínuas viagens. (Rom. 16:21; 1 Cor. 16:10; 2 Cor. 8:23; 1 Tes. 1:1; 2:6; 3:2; 2 Tim. 2:15; 4:10).

Tudo o que está escrito em 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito deve ser compreendido desta perspectiva. Isto certamente explica algumas das diferenças entre tais epístolas e o restante das cartas de Paulo. Em 1 e 2 Timóteo e Tito, a metáfora do Corpo está ausente por completo. Menciona-se ocasionalmente aos “irmãos”, e há pouca ênfase no mútuo ministério.

Pela mesma razão, nestas epístolas não encontramos nada parecido com um catolicismo nascente. Mencionam o Espírito de Deus, assim como Seus dons, e afirma que os líderes devem lograr reconhecimento pelo seu exemplo, e não pelo fato de ocuparem alguma posição.

O que temos nestes textos são, portanto, as *qualidades* essenciais de um verdadeiro vigilante, e não uma lista de *requisitos* necessários ao exercício de um ofício.

A somatória de todas estas qualidades é: retidão moral e responsabilidade. Piedade e estabilidade. As listas de Paulo, portanto, serviram meramente como guia para ajudar Timóteo e Tito a identificar e firmar guardiões [ou vigilantes] nas igrejas locais onde atuavam (1 Tim. 5:22; Tito 1:5).

Ademais, o sentido destes textos em grego refere-se à função e não a ofícios. Paulo não chama o viajante ou o guardião como “titular de um cargo”. Chama tais atividades como “nobre função” (1 Tim. 3:1b, NVI). Por outro lado, em 1 Timóteo 5:17, emprega uma linguagem funcional quando recomenda que se honre aos anciãos que “orientam bem” e que “dedicam seus esforços” à proclamação e ao ensino.

Por conseguinte, confundir os guardiões ou vigilantes mencionados nestes textos com os modernos “funcionários” eclesiásticos – como o atual pastor – é pura fantasia. Isto se deve a nossa tendência de impor sobre o NT nosso convencionalismo organizativo. É por causa de uma estrutura cultural absorvida que introduzimos esse sentido ao texto e nada mais. Em suma, a linguagem da função em vez do ofício domina as “Epístolas Pastorais” assim como ocorre com as demais epístolas de Paulo.

(3) *1 Coríntios 12:28 diz: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores. . .” Não descreve este texto uma hierarquia de ofícios eclesiásticos?*

Esta pergunta revela nossa inclinação para ver a Escritura com as lentes contaminadas da hierarquia humana. Insistir em que cada um destes itens deve ser compreendido em termos hierárquicos de um acima outro abaixo é uma mania peculiarmente estadunidense. De forma que cada vez que encontramos no NT uma lista estruturada (como 1 Coríntios 12:28), parece que não podemos escapar de inferir que aquilo implica em uma hierarquia.

Indubitavelmente, nós ocidentais do século XX, gostamos de pensar em termos organizativos estilo organograma, mas a Bíblia nunca faz assim. Pensar que toda lista estruturada que vemos na Escritura possui algum tipo de hierarquia velada é um pressuposto injustificado.

Ver uma hierarquia no catálogo de dons de 1 Coríntios 12:28 é no mínimo uma má interpretação de Paulo, influenciada culturalmente. A questão das estruturas de autoridade não aparece em nenhuma parte deste texto. Uma boa exegese desta passagem não nos conduzirá a qualquer idéia de hierarquia. Somos nós que impomos tal idéia no texto!

Uma leitura mais natural desta passagem indica que a ordem reflete uma prioridade lógica, nunca uma hierarquia. Em outras palavras, a ordem mostra alguns *dons maiores* no que diz respeito à edificação da igreja (compare com 1 Cor. 12:7,31; 14:4,12,26). Esta interpretação harmoniza perfeitamente com o contexto imediato em que aparece (1 Cor. 12-14).

Paulo está dizendo que dentro do âmbito da edificação da igreja, o ministério do apóstolo é fundamental. Isto se deve ao fato dos apóstolos dar nascimento à igreja e a sustentarem durante seu desenvolvimento pré-natal. Os apóstolos revolvem a terra e plantam a semente da *ekklesia*. (A semente é Cristo).

Na medida em que os apóstolos cimentam a igreja, destacam primeiramente (cronologicamente) a obra da edificação da igreja (Rom. 15:19-20; 1 Cor. 3:10; Efésios 2:20). É significativo que ao mesmo tempo em que os apóstolos são colocados *em primeiro* lugar no esquema de formação da igreja, figuram *no último* lugar aos olhos do mundo – Mat. 20:16; 1 Cor. 4:9!

Os profetas aparecem em segundo lugar na lista. Isto indica que seguem imediatamente aos apóstolos pelo que significam para a edificação da igreja. Muita confusão (e abuso) rodeia a função de profeta.

Em poucas palavras, os profetas provêm a igreja de visão e estímulo espiritual. Como os apóstolos, os profetas revelam o mistério do propósito de Deus para o presente e o futuro (Atos 15:32;



Eféios 3:4-5). Também arrancam pela raiz as ervas daninhas para que a igreja possa crescer livre de estorvos.

Os mestres são mencionados em terceiro lugar, indicando com isso que vem depois dos profetas no valor de seus dons no que diz respeito à edificação da igreja. Os mestres colocam a igreja sobre um sólido terreno doutrinário e provêem instrução sobre os caminhos de Deus. Também pastoreiam aos santos em tempos difíceis.

Continuando na metáfora, o mestre rega a semente e fertiliza a terra para que a igreja possa crescer e florescer. Se examinarmos o mestre de uma maneira cronológica, os mestres constroem a superestrutura da igreja *depois* de que os apóstolos e os profetas erigem o plano básico.

Esta interpretação de 1 Coríntios 12:28 segue bem mais a linha do pensamento de Paulo, do que a idéia de uma estrutura de mando hierárquica onde apóstolos “fazem valer seus privilégios” sobre profetas - e profetas fazem o mesmo com os mestres. Além disso, esta interpretação traz ao primeiro plano um importante princípio espiritual: a ausência de autoridade hierárquica não significa que todos os dons sejam iguais!

Ao mesmo tempo em que o NT afirma que todos recebem dons e têm um ministério, também afirma que Deus distribui Seus dons de uma maneira variada (1 Cor. 12:4-6). Cada dom é valioso para o Corpo de Cristo, e alguns dons são maiores que outros dentro de suas respectivas esferas (Mat. 25:14-15; 1 Cor. 12:22-24,31; 14:5).

Isto não significa que aqueles que têm dons maiores têm autoridade maior (ou vice versa) em algum sentido formal. Deus chamou a cada um de nós para uma obra diferente. E alguns têm dons maiores para tarefas distintas.

Por exemplo, alguns são chamados para plantar igrejas. Outros, para o evangelismo local. E outros ainda recebem dons para mostrar misericórdia. Todos têm diferentes dons com diferentes responsabilidades. Alguns tem maior responsabilidade que outros (Rom. 12:6; Ef. 4:7).

Dentro da esfera de nossos dons, cada membro é indispensável para a edificação geral da igreja – mesmo aqueles membros cujos dons não são externamente impressionantes (1 Cor. 12:22-25). Por conseguinte, cada cristão na casa do Senhor é responsável pelo uso e incremento de seus dons. Todos nós somos advertidos contra a tentação de enterrá-los por temor (Mat. 25:25).

Em suma, a idéia de que 1 Coríntios 12:28 denota algum tipo de hierarquia eclesiástica carece de força argumentativa. O texto tem em mente os dons maiores, considerados sob o pano de fundo da ordem cronológica da construção da igreja. Isto não aponta para coisas como a lei do mais forte de uma hierarquia eclesiástica ou para graus de autoridade que os cristãos devem escalar.

(4) *Atos 20:28, 1 Timóteo 5:17, 1 Tessalonicenses 5:12 e Hebreus 13:7,17,24 não mostram que os anciãos têm que governar a igreja?*

A palavra “governar” nestes textos destoa com o restante do NT, além disso, não há um único termo semelhante a ele em todo o texto grego do NT. Este é, sem dúvida, outro caso onde certas traduções confundem o moderno leitor pelo emprego de uma terminologia religiosa culturalmente condicionada.

Vejamos agora cada passagem mencionada na objeção anterior. A palavra “governar” em Hebreus 13:7,17,24 é uma tradução do vocábulo grego *hegéomai*, que significa simplesmente guiar, conduzir ou seguir adiante. F.F. Bruce, um profundo conhecedor do NT, em seu comentário à carta aos Hebreus traduz *hegéomai* como “guiar” (*Epístola aos Hebreus*, Ed. Nova Criação). Estes textos comunicam a idéia de “os que lhes guiam”, em vez de “os que lhes governam”.

No mesmo sentido, em 1 Tessalonicenses 5:12, a palavra “presidir” (RV-1960) é uma tradução da palavra grega *proístemi*. Este termo sugere a idéia de estar à frente, supervisionar, guardar e prover cuidado. Eruditos do NT como F.F. Bruce e Robert Banks explicam que este termo não tem a força técnica de uma designação oficial porque é usado como participio e não como substantivo. Além disso, está colocado entre outros participios que não designam caráter oficial (F.F. Bruce, *1 & 2 Thessalonians*, WBC, Word; Robert Banks *Paul’s Idea of Community*, Hendrickson).

Bruce traduz 1 Tessalonicenses 5:12-13 assim: “Agora lhes pedimos, irmãos, que reconheçam aqueles que trabalham arduamente entre vocês, que cuidam e instruem vocês no Senhor. Tenham alta estima por eles por causa de sua obra”. Essa mesma palavra (*proístemi*) aparece novamente em 1 Timóteo 5:17 e também é traduzida incorretamente como “governar” nas traduções da RV-1960 e da BA. Além disso, em Atos 20:28, o texto grego diz que os anciãos estão “*entre*” (no meio de) o rebanho e não “sobre” ele (como traduz a versão da NVI).

O mesmo ocorre com a declaração de Paulo em 1 Timóteo 3:4-5. A menção de que os vigilantes ou supervisores devem “governar (*proístemi*) também sua própria casa” não se refere à sua habilidade para exercer poder. Pelo contrário, tal passagem destaca sua capacidade na responsabilidade de supervisão e sustento aos demais. A hora de fazer as coisas é o momento em que nosso caráter é mais severamente provado. É a isso a que Paulo se refere ao descrever o caráter dos vigilantes ou supervisores.

Em todas estas passagens, a idéia básica é vigiar em vez de mandar. Supervisionar em vez de dominar. Facilitar em vez de ditar ordens. Oferecer direção em vez de governo.

O texto grego apresenta a imagem de alguém que está em meio ao rebanho, guardando e cuidando dele (como faria um servo eminente). Evoca o pastor atento às ovelhas. Não o que as conduz por traz ou o que as governa por cima!

Mais uma vez, o propósito do ensino apostólico demonstra sistematicamente que a idéia de Deus acerca da liderança na igreja entra em choque com o rol de práticas convencionais da liderança empresarial composta por altos executivos.

(5) *Não é verdade que Romanos 12:8 ensina que Deus dota alguns crentes para governar na igreja, porque Paulo disse, “o que preside [que o faça] com diligencia”?*

A versão bíblica inglesa KJV usa a palavra “ruleth” [“governa”] no texto. Mas a palavra grega que aparece aqui é *proístemi*. Esta palavra alude ao que vigia e presta ajuda aos demais. Não se refere ao que os governa e controla.

O texto é mais bem traduzido assim: “...o que vigia e cuida, que o faça diligentemente” A idéia de Paulo aqui é claramente de fervente cuidado em vez de poder ditatorial.

(6) *Atos 14:23 e Tito 1:5 ensinam que os anciãos são ordenados, isso não implica no estabelecimento de um ofício?*

Primeiramente, a menção de reconhecimento apostólico (nomeação) favorece mais a maneira funcional de pensar do que a interpretação posicional. Em Tito 1:5 a palavra traduzida como “designar” no grego é *kathístemi* e significa “por”.

Em Atos 14.23, a palavra usada é *jeirotoneo* e significa “estender a mão”. Ambos trazem a idéia de reconhecer o que os outros já haviam aprovado. Estas palavras eram utilizadas desta forma na literatura do primeiro século, mesmo fora do NT.

Segundo, não há a menor prova de evidencia textual que apóie a idéia de que o reconhecimento bíblico outorgue ou confira autoridade. Paulo nunca concedeu autoridade para que alguém se colocasse acima do restante dos demais membros da comunidade. O Espírito Santo é quem estabelece guardiões (Atos 20:28). Os anciãos existiam na igreja *antes* de serem reconhecidos externamente.

O reconhecimento apostólico meramente torna público o que o Espírito Santo realiza. A imposição de mãos é um sinal de comunhão, unidade e afirmação, não uma graça especial ou transmissão de autoridade. Por conseguinte, é um tremendo erro confundir reconhecimento bíblico com ordenação eclesiástica. A imposição de mãos não qualifica nenhum especialista religioso a fazer mais do que o restante dos mortais sem títulos pode fazer!

Pelo contrário, o reconhecimento bíblico é simplesmente a confirmação externa efetuada pela igreja dos já comissionados pelo Espírito para uma tarefa específica. Funciona como um testemunho visível de reconhecimento público.

Nas modernas igrejas caseiras, o reconhecimento público funciona como um cavalo de Tróia. Alguns homens simplesmente são incapazes de manejar este reconhecimento. Infla-lhes o ego. O título lhes provoca uma viagem ao poder. Pior ainda, transforma-os em poderosos monstros.

Devemos recordar que no primeiro século havia obreiros itinerantes que reconheciam publicamente os guardiões (Atos 14:23; Tito 1:5). Por conseguinte, cabe aos obreiros de fora discernir o tempo e o método de como os guardiões devem ser reconhecidos. (Igrejas modernas caseiras, nunca se esqueçam disso!).

O reconhecimento dos guardiões não deve ser imposto – quando eles emergem – pois se converterão em um molde rígido. Alguns plantadores de igrejas reconhecem diretamente os guardiões. Outros o fazem tacitamente. (Nesse aspecto, não há respaldo bíblico para anciãos auto designados ou designados pela congregação).

A realidade é que quando reconhecemos anciãos na forma de cerimônias, licenças, títulos de seminário, eleição por votação, etc., falamos sobre coisas que a Bíblia silencia.

Fariamos bem em não esquecer que embora exista o principio do reconhecimento de anciãos no NT, o método é aberto. Sempre tem o sentido de *reconhecer* uma função dinâmica em vez de *instalar* um ofício estático.

Ademais, se os anciãos são reconhecidos por obreiros de fora que conhecem bem a igreja, estamos em terreno Escritural seguro. Isto salvaguarda a igreja de ser controlada e manipulada por uma liderança auto imposta. Nomear anciãos de outra maneira é navegar à deriva, fora dos limites assinalados pela Bíblia.

(7) *Paulo não emprega a palavra “apóstolo” como um título oficial quando se refere a si próprio?*

Contrariamente ao que atualmente se pensa, na maior parte de suas cartas, Paulo afirma implicitamente que *não* é um apóstolo profissional. Embora torne pública sua função especial na saudação de suas epístolas (por exemplo, “Paulo, um apóstolo de Cristo Jesus”), Paulo nunca se identifica como “o apóstolo Paulo”.

Esta é uma distinção significativa. O primeiro caso descreve uma função especial baseada em uma comissão divina, enquanto que no outro é um título oficial.

De fato, em nenhuma parte do NT encontramos que ministérios ou funções no Corpo sejam utilizados como títulos honoríficos pelos servos de Deus. Os cristãos aficionados por títulos necessitam refletir seriamente sobre isto!

(8) *Efésios 4:11 não mostra uma corporação de clérigos quando diz, “Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores. . .”*

De maneira alguma. Efésios 4 tem em vista aqueles dons que equipam a igreja para a diversidade do serviço (vv. 12-16). Os dons enumerados no texto são na realidade *pessoas* dotadas para capacitar a igreja (vv. 8,11). Estes são os dons que o Espírito Santo reparte a cada *indivíduo* como Ele quer (1 Cor. 12:11).

Em outras palavras, Efésios 4 não trata dos dons dados a homens e mulheres. Trata de homens e mulheres providos de dons que são dados à igreja. Apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/mestres são pessoas que o Senhor levantou e outorgou à igreja para sua formação, coordenação e edificação.

Sua tarefa principal é nutrir a comunidade de crentes para que participem responsabilmente de acordo com os princípios divinos. O êxito desta tarefa se fundamenta na habilidade que possuem para capacitar e mobilizar os santos para a obra do ministério. Desta maneira, os dons de Efésios 4 equipam (do grego: *katartízo* = completar, preparar; e *katartismós* = capacitação, aperfeiçoamento) o Corpo de Cristo para que este leve a cabo o propósito eterno de Deus.

Estes dons não são ofícios nem posições formais. Tais termos gregos não constam do texto. Trata-se de irmãos com dons “habilitadores” peculiares, dados para cultivar os ministérios de seus irmãos.

Os apóstolos capacitam a igreja desde seu nascimento, ajudando-a até que possa caminhar pelos próprios pés (discutiremos a função apostólica com mais detalhes no cap. 5).

Os profetas adestram a igreja falando a ela a palavra presente do Senhor, confirmando os dons de cada membro, preparando-a para as provas futuras.

Os evangelistas habilitam a igreja servindo como modelo na pregação das boas novas aos perdidos. Os pastores/mestres instruem a igreja cultivando sua vida espiritual por meio da exposição da Escritura.

Alguns crêem que pastores e mestres são dois ministérios separados, enquanto que outros os vêem como dimensões distintas do mesmo ministério. Nesse último conceito, pastorear seria o lado *privado* deste ministério, enquanto que seria o lado *público*.

Os ministérios de Efésios 4 (eventualmente chamados como “o quántuplo ministério”) não equivalem a liderança da igreja. Apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/mestres podem ser anciãos ou não.

Em suma, Efésios 4:11 não contempla coisas como clero assalariado, ministério profissional ou algum tipo de sacerdócio fabricado. Tampouco se refere a uma classe diferente de cristãos. Assim como o catálogo de dons apresentados por Paulo em 1 Coríntios 12.28, Efésios 4 tem em vista funções especiais em vez de posições formais.

(9) *A menção de “governos” em 1 Coríntios 12:28 acaso não mostra que a igreja primitiva possuía ofícios eclesiásticos?*

O vocábulo grego traduzido por “governos” em diversas versões portuguesas é *kubérnesis*. De acordo com o erudito Gordon Fee, “esta mesma palavra aparece três vezes na versão LXX [Antigo Testamento Grego], trazendo consigo a idéia verbal de proporcionar ‘direção/orientação’ a alguém”.

Dice Fee afirma que a palavra seria mais bem traduzida como “ato de guiar/orientar”. Bem provavelmente refere-se ao ato de aconselhar com sabedoria a toda a comunidade e não simplesmente aos indivíduos (*Primera Epístola a los Coríntios*, Ed. Nueva Creación, Buenos Aires, 1994, p. 704).

Portanto, tratar de ver nesta palavra uma forma de política eclesiástica é injustificável e insustentável. O único “governo” reconhecido pela *ekklesia* é o governo absoluto de Jesus Cristo (Isa. 9:6)! Embora os supervisores proporcionem supervisão à igreja, eles não a “dirigem” nem a “governam”. O termo “governo”, portanto, é um vocábulo pobre para descrever algum dom espiritual na igreja.

(10) *A Bíblia não diz que Timóteo foi o “primeiro bispo ordenado da igreja de Éfeso” e que Tito foi ordenado como “o primeiro bispo da igreja Cretense?”.*

Algumas edições da KJV anexaram notas ao final das chamadas “Epístolas Pastorais”, mas tais notas não aparecem no texto Grego. Foram inseridas pelos tradutores da KJV.

Como já vimos, Timóteo e Tito jamais foram “bispos”. Nem mesmo pastores. Eram colaboradores de Paulo – plantadores de igrejas, consulte (Rom. 16:21; 1 Cor. 16:10; 2 Cor. 8:23; 1 Tes. 1:1; 2:6; 3:2; 2 Tim. 2:15; 4:10).

Cumpra ressaltar que o episcopado monárquico (o sistema de bispos) se desenvolveu muito tempo depois que o NT foi escrito. A evidência histórica que sugere que Timóteo e Tito foram os “primeiros bispos” destas igrejas é tão escassa como a de que Pedro foi “o primeiro bispo” de Roma! Todas estas suposições entram em conflito com o relato do NT. São invenções humanas que não tem base bíblica.

(11) *Atos 15:22 menciona, “eleger varões dentre eles e envia-los”. Isto não implica na existência de uma autoridade hierárquica na igreja primitiva?*

A RV-1960 traduz este texto usando os termos “varões principais”, o que dá um sabor hierárquico. Todavia, a palavra grega usada é *hegéomai* que significa simplesmente “conduzir” ou “guiar” (consulte a versão NVI).

Este texto destaca o fato de Judas e Silas serem homens respeitados na igreja de Jerusalém. Eram homens *responsáveis*, -provavelmente anciãos. Por esta razão, a igreja de Jerusalém os selecionou como provisórios mensageiros à (compare com Prov. 10:26; 25:19). Uma exegese que compreende este versículo de maneira hierárquica é arbitrária.

(12) *A metáfora de Paulo do Corpo de Cristo não demonstra que a autoridade funciona de uma maneira hierárquica?*

*Ou seja, quando a Cabeça envia um sinal à mão, deve primeiro envia-la ao braço. De modo que a mão necessita submeter-se ao braço para que possa obedecer à Cabeça.*

Qualquer um que esteja familiarizado com a anatomia humana sabe que a descrição anterior reflete um conhecimento incorreto do funcionamento do corpo físico.

O cérebro envia sinais *diretos* às partes do corpo que deseja controlar, através do sistema nervoso periférico. Deste modo, a cabeça controla todas as partes do corpo *de maneira imediata e direta*. Não faz passar seus impulsos através de uma cadeia de comando recorrendo a outras partes do corpo.

A cabeça não ordena à mão que diga ao pé o que ele deve fazer. Pelo contrário, a cabeça está conectada a cada parte do corpo. Por esta razão, a aplicação adequada da metáfora do Corpo preserva a verdade simples de que há apenas uma Autoridade na igreja – Jesus Cristo. Todos os membros estão sob Seu controle direto e imediato.

A este respeito, a Bíblia é clara como cristal quando ensina que Jesus Cristo é o *único* mediador entre Deus e os homens (1 Tim. 2:5). Embora o Velho Pacto tivesse mediadores humanos, o Novo Pacto não os possui. Como participantes do Novo Pacto, não necessitamos de um mediador que nos diga como conhecer o Senhor. Todos os que estão sob este pacto o conhecem diretamente - “desde o menor até o maior” (Heb. 8:6-11).

É a mútua sujeição e não a submissão hierárquica o que produz a coordenação adequada do Corpo de Cristo. (Este tema será tratado de maneira mais completa no próximo capítulo).

(13) *Todo corpo físico tem uma cabeça. Por conseguinte, cada corpo local de crentes necessita de uma*

*cabeça. Se não tem uma, haverá caos. Os pastores são as cabeças das igrejas locais. São pequenas cabeças sob o comando de Cristo.*

Esta idéia é produto da imaginação do homem caído. Não há nenhuma peça de apoio bíblico a esta idéia. É pura fantasia! A Bíblia *jamaiz* se refere a um ser humano como “cabeça” de alguma igreja. Este título pertence exclusivamente a Jesus Cristo. Ele é a *única* Cabeça de cada assembléia local. Por conseguinte, os que afirmam ser cabeças das igrejas pretendem suplantar a Chefatura executiva de Jesus Cristo!

### **Objecções de Outros Documentos do NT**

(1) *Mas Hebreus 13:17 não ordena obediência e sujeição a nossos líderes, implicando assim que os líderes na igreja possuem uma autoridade de ofício?*

Novamente, consultar o texto grego resulta na maior utilidade. A palavra que traduzida como “obedecer” em Hebreus 13:17 não é a palavra grega (*hupakoúo*) muito usada no NT para referir-se à obediência, mas o vocábulo *peítho* que significa persuadir e conseguir. Devido ao fato desta palavra aparecer na entonação mediana/passiva neste texto, deve ser traduzida assim: “deixai-vos persuadir pelos que os guiam”.

Trata-se de uma exortação que dá peso à instrução dos obreiros (e possivelmente guardiões locais). Não é uma exortação para uma obediência cega. Ela implica em poder persuasivo para convencer e conseguir, sem coerção, força, intimidação, obrigação ou submissão. Nas palavras do especialista em grego W. E. Vine, “a obediência sugerida [em Hebreus 13:17] não é submissão à autoridade, mas resultado da persuasão” (W. E. Vine, *Diccionario Expositivo*, Caribe, 1999, p. 594).

Além disso, o verbo traduzido como “sujeitar” nesta passagem é a palavra *hupeiko*. Que traz consigo tanto a idéia de ceder, retirar-se, como de render-se depois de uma batalha. Os que se ocupam da supervisão espiritual não exigem submissão. É necessária nossa concordância.

Somos incentivados a nos predispor a favor do que eles dizem. Não por causa de um ofício externo que ocupam, mas por seu caráter piedoso, maturidade espiritual e serviço sacrificado a favor dos santos.

Em outras palavras, Hebreus 13:7 exorta-nos a “imitar sua fé” a considerar “qual foi o resultado de sua conduta”. Se assim fizermos, poderão levar a cabo mais facilmente a tarefa de supervisão espiritual a que Deus os chamou para executar (v. 17).

(2) *A Bíblia ensina que os que velam pelas almas da igreja terão que dar contas a Deus. Isso não significa que tais pessoas têm autoridade sobre as demais?*

Hebreus 13:17 diz que os que provêm supervisão são responsáveis perante Deus por sua tarefa. Diante da avançada maturidade e dotação espiritual que possuem, Deus lhes deu a responsabilidade de cuidar de seus irmãos. Mas não há nada no texto que estipule que eles possuem alguma autoridade especial sobre outros cristãos! (Veja o ponto anterior).

Ser responsável não equivale a ter autoridade. *Todos* os crentes são responsáveis diante de Deus (Mat. 12:36; 18:23; Lucas 16:2; Rom. 3:19; 14:12; Heb. 4:13; 13:17; 1 Ped. 4:5). Isto não significa que tem alguma autoridade especial sobre os demais.

(3) *Quando Jesus recomenda Seus discípulos obedecer aos escribas e fariseus pelo fato destes se sentarem na ‘cadeira de Moisés’ Ele não dá respaldo à autoridade oficial?*

De forma alguma. Jesus repreende aos escribas e fariseus por assumirem uma autoridade institucional que não possuíam. Mateus 23:2 diz, “Na cátedra de Moisés *se sentaram* os escribas e os fariseus”.

Nosso Senhor estava expondo somente o fato de que os escribas e Fariseus eram mestres auto nomeados que estavam usurpando autoridade e se colocando acima do povo (Mat. 23:5-7; Luc. 20:46). Sua declaração era uma observação, e não um respaldo.

O Senhor deixou inequivocamente claro que apesar de sua pretensão diante dos homens, os escribas e os fariseus não tinham absolutamente nenhuma autoridade (Mat. 23:11-33). De fato, ensinavam a Lei de Moisés, mas não a obedeciam (vv. 3b, 23:23).

Visto deste prisma, o versículo que segue que diz: “Fazei e guardai, pois, *tudo* quanto vos dizem...” (v.3) não pode ser entendido como uma carta branca ao ensino farisaico. Esta interpretação contradiz por completo o versículo que segue (v.4). Também contradiz a outras muitas passagens onde encontramos

Jesus resolutamente arrebatando o ensino farisaico - e exortando seus discípulos a fazerem o mesmo (Mat. 5: 33-37; 12:1-4; 15: 1-20; 16:6-12; 12:1-4; 19: 3-9; etc!)

Além disso, esta frase (no v. 3) deve ser interpretada tendo em mente a referência do Senhor à “cadeira de Moisés”. A “cadeira de Moisés” é uma referência literal a um assento especial colocado em cada sinagoga donde se liam ao povo as Escrituras do Antigo Testamento (E. L. Sukenik, *Ancient Synagogues in Palestine and Greece*, British Academy).

Cada vez que os escribas e Fariseus se sentavam no “assento de Moisés”, liam abertamente à Escritura. Na medida em que a Escritura possuía autoridade, era obrigatória a leitura a partir desta cadeira (apesar da hipocrisia dos leitores). Esta é a essência da declaração de Jesus. A lição é que se algum hipócrita e suposto mestre lesse a Bíblia, o que dizia acerca *dela* teria autoridade.

Afirmar que a partir das palavras de Mat. 23:2-3, o Salvador outorga Sua aprovação à autoridade oficial, é o mesmo que dizer que Jesus pode ser substituído pelo Papismo Romano. Esta falsa interpretação não pode seguir o mesmo ritmo que o contexto da passagem, e não reflete nada dos Evangelhos.

#### (4) O NT Grego não apóia a idéia de que a igreja legítima clérigos e leigos?

A dicotomia clero/leigos é um trágico erro que percorre toda história da cristandade. Embora seja verdadeiro o fato de que multidões tenham optado pelo caminho largo do dogmatismo e defenda essa postura, esta dicotomia carece de sustento bíblico.

A palavra “leigo” deriva da palavra grega *laós*, que significa “povo”. *Laós* inclui todos os cristãos. O vocábulo aparece três vezes em 1 Ped. 2:9-10 onde Pedro se refere ao “povo (*laós*) de Deus”. O termo *laós* no NT nunca se refere apenas a uma parte da assembléia. Apenas a partir do Século III passou a assumir outro significado.

O termo “clero” tem suas raízes na palavra grega *kléros* que significa “porção ou herança”. A palavra é empregada em 1 Ped. 5:3 onde Pedro instrui aos anciãos que não apossessem da herança (*kléros*) de Deus. É surpreendente que a palavra nunca é utilizada referindo-se aos líderes da igreja. Como ocorre com *laós*, *kléros* refere-se também ao povo de Deus, porque este é Sua herança.

De acordo com o NT, portanto, todos os Cristãos são simultaneamente “clérigos” (*kléros*) e “leigos” (*laós*). Somos a herança do Senhor e o povo de Deus. Em outras palavras, o NT não dispõe de clérigos; torna clérigo *todo* crente!

Em suma, não há um único indício do esquema clero/leigo e ministro/leigo na história, ensino e vocabulário do NT. Este esquema constitui uma falsa dicotomia. É um artefato religioso que derivado da ruptura pós-bíblica entre o secular e o espiritual.

Na dicotomia secular/espiritual, a fé, a oração e o ministério são considerados como propriedade exclusiva de um mundo interno e sacrossanto. Um mundo que está completamente separado do tecido da vida. Mas tal separação é completamente alheia ao caráter distintivo do NT que afirma que todas as coisas glorificam a Deus, incluindo as coisas de nosso viver diário ( 1 Cor. 10:31).

#### (5) Os sete anjos das sete igrejas do livro do Apocalipse não validam a presença de um único pastor em uma igreja local?

Os primeiros três capítulos do Apocalipse constituem uma base frágil sobre a qual se possa construir a doutrina do “pastor único”. Em primeiro lugar, a referência aos anjos destas igrejas é crítica. João não oferece chave alguma no que diz respeito a que igrejas se refere. Os eruditos não estão seguros do que simbolizam. (Alguns crêem que a passagem literalmente se refere a anjos. Outros acham que se refere a mensageiros humanos).

Em segundo lugar, em nenhuma parte do NT há nada que se assemelhe à idéia do “pastor único”, nem há texto algum que vincule pastores com anjos.

Em terceiro lugar, a idéia de que os sete anjos são os “pastores” das sete igrejas entra diametralmente em conflito com outros textos do NT. Por exemplo, Atos 20:17 e 20-28 revelam que na igreja de Éfeso havia muitos apascentando a igreja de Deus, e não apenas um. O mesmo ocorria em todas as igrejas do primeiro século. Cada igreja tinha vários anciãos (veja *Repensando os Odres*).

Por conseguinte, sustentar a doutrina do “pastor único” a partir de uma obscura passagem do Apocalipse é recorrer a uma exegese torpe e descuidada. Repito, não há apoio para o moderno sistema do pastor nem no Apocalipse nem em qualquer outro documento do NT.

## **Objecções do Antigo Testamento**

(1) *Em Êxodo 18, Moisés estabelece uma hierarquia de governantes sob sua autoridade para ajudar guiar o povo de Deus. Não constitui isto um modelo bíblico para a liderança hierárquica?*

Se lermos cuidadosamente o relato, descobrimos que foi Jetro, o sogro *pagão* de Moisés, quem concebeu esta idéia (Êxodo 18:14-27). Não há evidência Bíblica sugerindo respaldo divino a isso. Na realidade, o próprio Jetro admitiu que não estava seguro se Deus apoiaria sua idéia (Êxodo 18:23).

Posteriormente, nas viagens de Israel, Deus dirigiu Moisés para que tomasse um rumo diferente com respeito ao problema da supervisão. O Senhor mandou que comissionasse anciãos para que lhe ajudassem a levar o peso da responsabilidade (Números 11:16).

Esta estratégia era orgânica e funcional, marcadamente diferente da noção de Jetro de uma hierarquia composta de muitos estratos de dirigentes.

(2) *Não é verdade que Moisés, Josué, Davi, Salomão, etc, revelam a perfeita vontade de Deus de ter um único líder sobre Seu povo?*

De maneira alguma. Moisés e qualquer outro líder do AT, não foram nem ao menos sombra do Senhor Jesus Cristo. Não eram do tipo pastor único dos tempos modernos inventados durante a Reforma.

Para ser mais específico, o rol do episcopado monárquico remonta ao Catolicismo nascente e tem suas raízes nos ensinamentos de Inácio de Antioquia e Cipriano de Cartago. Mas não chegou a ser aceito amplamente até os séculos III e IV. Durante a Reforma, o rol de bispos e sacerdotes se transformaram no pastor Protestante.

Deus sempre quis infundir uma teocracia em Israel. Uma teocracia é um governo onde Deus é o único Rei. Embora Deus tenha atendido ao desejo carnal do povo de ter um rei terreno, isso nunca foi Sua suprema vontade (1 Sam. 8:5-9).

Não obstante, o Senhor seguiu agindo a favor de Seu povo sob o reinado humano. A presença do reinado humano resultou em terríveis conseqüências. Da mesma maneira, em nossos dias, Deus opera por meio de sistemas imperfeitos, mas estes sempre limitam Sua operação.

O desejo eterno do Senhor para com Israel era que vivesse e servisse sob Seu direto domínio (Êxodo 15:18; Núm. 23:21; Deut. 33:5; 1 Sam. 8:7); que fosse um reino de sacerdotes (Êxodo 19:6), e que em tempos de crise estivesse sujeito a homens mais sábios e de mais idade (anciãos) (Deut. 22:15-18; 25:7-9).

Mas o que Israel perdeu por sua desobediência, a igreja ganhou (1 Ped. 2:5,9; Ap. 1:6). A verdade é que, tragicamente, muitos cristãos têm optado por regressar ao sistema de governo religioso do antigo pacto – apesar de Deus tê-lo desmantelado há muito tempo.

A única maneira possível de realizar a idéia divina de liderança e de autoridade é através da presença do Senhor no interior dos Seus. Já que a habitação do Espírito não foi experimentada durante os dias do Antigo Testamento, Deus condescendeu com as limitações de Seu povo.

É por esta razão que vemos Israel muitas vezes abraçando modelos hierárquicos de liderança. Mas quando chegamos à era do NT, aprendemos que o Cristo que vive no interior é a porção de todos os filhos de Deus. É precisamente esta porção que faz com que a igreja se eleve ao nível sobrenatural do “sacerdócio de todos os crentes”. Neste nível, os estilos de liderança hierárquica, titular e oficial tornam-se obsoletos e contraproducentes.

(3) *No Salmo 105:15, o Senhor diz “Não toqueis nos meus ungidos e não maltratam os meus profetas” Isso não quer dizer que alguns cristãos (p. ex. os profetas) possuem uma autoridade indiscutível?*

Sob o Antigo Pacto, Deus ungiu especialmente aos profetas para que fossem os portadores de Seus oráculos. Falar contra eles era falar contra o Senhor. Mas no Novo Pacto, o Espírito é derramado sobre *todo* o povo de Deus. Todos os que recebem a Cristo (o Ungido) estão ungidos pelo Espírito Santo (1 Jn. 2:27) – e todos podem profetizar (Atos 2:17-18; 1 Cor. 14:31).

Desta maneira, a oração de Moisés de que todo o povo de Deus receberia o Espírito e profetizaria foi cumprido desde Pentecostes (Núm. 11:29; Atos 2:16-18). Lamentavelmente, líderes clericais e auto proclamados “profetas” têm abusado e usado indevidamente o Salmo 105:15 para controlar o povo de Deus e desviar as críticas.

Mas esta é a verdade: Já que todos os cristãos foram ungidos pelo Espírito, todos podem profetizar (Atos 2:17-18; 1 Cor. 14:31). Sob o Novo Pacto, “Não toqueis nos meus ungidos” equivale a “sujeitando-vos *uns aos outros* no temor de Deus” (Efésios 5:21), porque a unção do Espírito veio sobre todos os que crêem no Messias.

Por conseguinte, “não tocar no unguido de Deus” se aplica hoje a *cada* cristão! Negar isto é negar que todos os cristãos tem a unção (1 João 2:20,27).

### **O Problema de Uma Má Tradução**

Considerando os pontos anteriormente mencionados, alguns poderão perguntar a razão da Versão Autorizada Inglesa (KJV) obscurecer tantos textos relacionados com o ministério e a supervisão. Ou seja, porque a KJV repetidamente insere termos hierárquicos/institucionais (como “ofício”) que não estão presentes nos documentos originais?

A resposta deriva do fato de que foi a igreja anglicana do século XVII que publicou a KJV. Esta igreja vinculou rigidamente a Igreja com o Estado e fundiu burocracia com cristianismo.

Esta é a história. O Rei James VI da Escócia havia ordenado a tradução que leva seu nome (King James Version = KJV). Procedeu assim em seu papel de cabeça da Igreja Anglicana – a Igreja Estado da Inglaterra. Ordenou a cinquenta e quatro eruditos que realizassem a tradução e que durante todo o projeto não se apartassem da “terminologia tradicional”. (*The Christian Baptist 1*, Nashville: The Gospel Advocate Co., 1955, pp. 319-324).

Por esta razão, a KJV naturalmente reflete proposições hierárquicas/institucionais do Anglicanismo. Palavras tais como *ekklesia*, *epískopos* e *diákonos* não foram traduzidas fielmente do grego. Pelo contrário, foram traduzidas empregando o ranço eclesiástico daqueles dias: *Ekklesia* = igreja. *Epískopos* = bispo. *Diákonos* = ministro. *Praxis* = ofício. *Proístemi* = governo. Apesar da KJV original de 1611 passar por várias revisões desde 1769, estes erros nunca foram corrigidos.

Graças a Deus, algumas traduções modernas têm procurado corrigir este problema retirando muitos dos termos eclesiásticos encontrados na KJV, e têm traduzido fielmente as palavras gregas de acordo com seus significados originais: *Ekklesia* = assembléia, *Epískopos* = guardião ou vigilante. *Diákonos* = servidor. *Praxis* = função. *Proístemi* = cuidado.

Desafortunadamente, muitas traduções modernas ainda conservam o sabor oficial tão presente na KJV. É por esta razão que escrevi este capítulo



## CAPÍTULO 3

### AUTORIDADE E SUBMISSÃO

Embora a Escritura tenha algo a dizer acerca da autoridade e da submissão, a verdade é que não há qualquer respaldo bíblico ao moderno ensino da “cobertura”. É notável como a Bíblia gasta bem mais tinta ensinando sobre amor mútuo do que sobre liderança e autoridade.

A experiência me mostrou que quando os aspectos fundamentais do amor e do serviço são plenamente praticados na igreja, a autoridade e a submissão se expressam naturalmente. (A este respeito, aquele que enfatiza indevidamente estes temas está significativamente mais interessado em *exercer* autoridade do que servir seus irmãos!).

Embora temas como autoridade e submissão estejam presentes na Bíblia, relacionam-se com a disseminação e o exercício do ministério, de forma a agradecer a Cristo – a cabeça de toda autoridade.

Ao discutirmos estes temas empregaremos o vocabulário da Escritura. Usar termos não bíblicos como “cobertura” somente obscurece o assunto. Faz com que nossa conversação seja vaga – e nossos pensamentos confusos. Na medida em que utilizamos o vocabulário do NT, seremos verdadeiramente capazes de atravessar o cipoal da tradição humana que envolveu em névoa as temáticas da autoridade e da submissão.

#### O Rastro Trágico dos Movimentos Anteriores

Vou dizer sem rodeios, o que alguns chamam hoje “autoridade espiritual” é em sua maior um verdadeiro disparate! O movimento discipulado/pastoreio dos anos setenta é um exemplo clássico das indizíveis tragédias que podem ocorrer quando se faz aplicações falaciosas e insensatas da autoridade. Este movimento estava corrompido com todo tipo de mistura espiritual, e se degradou em formas extremas de controle e manipulação.

O pior erro deste movimento escorou-se na falsa idéia de que submissão equivale a obediência incondicional. Igualmente errôneo foi o ensino de que Deus reveste certas pessoas com uma autoridade inquestionável sobre os demais.

Sem dúvida, os líderes que deram origem a este movimento eram homens talentosos com nobres motivos. Mas eles não imaginaram o rumo que seus movimentos tomariam no futuro, e a maioria deles certamente pediria desculpas por ter participado disso. Assim, incontáveis vidas acabaram destruídas.

Em muitos setores do movimento, o abuso espiritual se racionalizou numa forma de clichê repetidamente mencionado de que Deus opera para o bem apesar dos atores indicados. Acreditava-se que Deus responsabiliza cada um dos “pastores” pelas decisões equivocadas. As “ovelhas” não teriam qualquer responsabilidade desde que obedecessem (cegamente) seus pastores.

Tragicamente, o movimento desenvolveu novas formas de controle de forma a adaptar-se à casta clerical. Estes novos desdobramentos sufocaram o sacerdócio dos crentes e mostraram a mesma forma de domínio das almas característica das seitas. Os chamados “pastores” se transformaram em substitutos de Deus para outros cristãos, tomando o controle sobre os detalhes mais íntimos de suas vidas. Tudo isso se fez em nome da “responsabilidade bíblica em prestar contas”.

No período subsequente, o movimento deixou um rastro de cristãos abatidos e devastados. Tais crentes até hoje continuam desconfiando de qualquer aparência de liderança. (Alguns sofreram destinos mais cruéis). Como resultado, os que foram enxotados pelos clérigos desenvolveram uma aversão total por palavras como “autoridade”, “submissão”, e “responsabilidade de prestar contas”. Todavia seguem lutando para se desvencilhar das imagens distorcidas de Deus que foram gravadas em suas mentes depois de terem passado por esta experiência “pastoral”.

O tema da autoridade, por conseguinte, representa para muitos uma história bem pesada e dolorosa. Tanto que basta mencionar a terminologia da liderança que se ascendem luzes de alerta e se eleva a bandeira vermelha da perseguição.

Trinta anos depois, o tema da autoridade espiritual continua incandescente e emocionalmente explosivo. Apesar da maneira cautelosa com que abordamos o tema neste capítulo, estamos pisando nas bordas de um perigoso campo minado.

Temos que ter em mente que os ensinamentos errôneos nunca brotam do simples manejo das palavras bíblicas. Eles provêm da pouca consideração que em geral se dá ao sentido verdadeiro de suas fontes

originais. Palavras como “autoridade” e “sujeição” foram por tanto tempo degradadas que é necessário “redimi-las” das falsas conotações a elas agregadas.

A salvaguarda contra o falso ensino não consiste em evitar estes termos bíblicos, mas em combater sua conotação errônea e reabilita-los de acordo com seu significado original. Em outras palavras, devemos aprender não apenas a falar *onde* a Bíblia fala, mas também falar *como* a Bíblia fala.

### **A Noção de Sujeição do NT**

A palavra grega muitas vezes traduzida no NT como “submeter” é o vocábulo *hupotaso*. Uma melhor tradução deste termo seria “sujeição voluntária”. No NT, comumente, a sujeição é uma atitude voluntária não coercitiva, um ato de cooperação e de permissão para que outros nos admoestem e aconselhem.

A sujeição bíblica nada tem a ver com controle ou poder hierárquico. É simplesmente uma atitude de dar ouvidos aos sinais de alerta, como se vê nas crianças, dando nosso consentimento aos demais na medida em que eles refletem a mente de Cristo.

A sujeição bíblica existe e é preciosa. Mas deve começar com o que Deus deseja e com o que o NT declara: Ou seja, que nós, individual e coletivamente, estamos sujeitos a Cristo Jesus; que nos sujeitamos uns aos outros, no local onde nos reunimos, e que nos sujeitamos àqueles obreiros provados e dignos de confiança que servem ao Corpo de Cristo de uma maneira sacrificada.

Quero acentuar “provados e dignos de confiança” porque abundam os falsos apóstolos e profetas. É responsabilidade da irmandade local examinar aqueles que afirmam ser obreiros de Deus (1 Tes. 1:5; 2 Tes. 3:10; Ap. 2:2). Por esta razão, a Bíblia exorta essa sujeição aos líderes espirituais por causa de seu nobre caráter e serviço espiritual (1 Cor. 16:10-11, 15-18; Fil. 2:29-30; 1 Tes. 5:12-13; 1 Tim. 5:17; Heb. 13:17).

Talvez o texto mais luminoso a considerar em toda esta discussão seja Efésios 5:21, que diz: *Sujeitem-se UNOS AOS OUTROS no temor de Cristo.*

O apóstolo Pedro ecoa o mesmo pensamento quando diz: *Sejam todos humildes UNS PARA COM OS OUTROS.* (1 Ped. 5:5).

A Bíblia não ensina uma “cobertura protetora”. Pelo contrário, ensina a *sujeição mútua*. A sujeição mútua se baseia na noção do NT de que a todos os crentes receberam dons. Como tais todos podem expressar a Cristo. Portanto, devemos estar sujeitos *uns aos outros*.

A sujeição mútua está cimentada de igual forma na revelação do Corpo de Cristo. Ou seja, a autoridade divina foi conferida *a todo* o Corpo e não apenas a uma seção particular dele. (Mat. 18:15-20; 16:16-19; Efésios 1:19-23). Na eclesiologia de Deus, a *ekklesia* é uma sociedade teocrática e participativa na qual a autoridade Divina está disseminada entre todos os que possuem o Espírito.

Deus não delegou Sua autoridade a apenas um indivíduo ou segmento da igreja. Pelo contrário, Sua autoridade reside na comunidade como um todo. Quando os membros da comunidade crente desempenham seus respectivos ministérios, a autoridade espiritual permeia através dos dons que receberam do Espírito.

No fundo, a sujeição mútua demanda que nos demos conta de que somos membros de algo maior do que cada um de nós – um Corpo. Também exige que reconheçamos que por nós mesmos, individualmente, somos inadequados para cumprir o propósito mais elevado de Deus.

A sujeição mútua descansa na afirmação humilde, mas realista, de que necessitamos a complementação dos demais irmãos. Admite que não podemos ser bons cristãos por nossas próprias forças. Desta maneira, a sujeição mútua é indispensável para estruturar uma vida cristã normal.

Entender sujeição mútua significa o seguinte: Estar aberto ao Senhor para que te corrija por meio de qualquer outro crente, que, por sua vez, está aberto para ser repreendido e castigado (pelo Senhor) não importa quem porte o chicote. Expressa que permitas aos demais que falem à tua vida.

### **A Idéia da Autoridade de Deus**

A outra face da moeda da sujeição é a autoridade. A autoridade é o privilégio dado por Deus para realizar uma ação particular. O vocábulo do NT que mais se aproxima da palavra “autoridade” é *exousia*. *Exousia* deriva da palavra *exestin*, que significa uma ação possível e legítima que pode ser levada a cabo sem obstáculo.

A autoridade (*exousia*) relaciona-se com manifestação e comunicação de poder. Mais especificamente, a autoridade é o direito de realizar uma ação particular. A Escritura ensina que Deus é a

fonte única de toda autoridade (Rom. 13.1), e esta autoridade foi conferida a Seu Filho (Mat. 28:18; João 3:30-36; 17:2).

Apenas Jesus Cristo tem autoridade. O Senhor Jesus disse claramente, “*Toda* autoridade me foi dada no céu e sobre a terra”. Ao mesmo tempo, Deus delegou Sua autoridade aos homens e mulheres deste mundo para propósitos específicos.

Por exemplo, na ordem natural, Deus instituiu diversas esferas onde Sua autoridade deve ser exercida (Efésios 5:22-6:18; Col. 3:18-25). Estabeleceu certas “autoridades oficiais” com o propósito da preservação da ordem sob o sol. Aos oficiais governamentais, como reis, magistrados e juízes, foi dada esta autoridade (João 19:10, 11; Rom. 13:1 ss.; 1 Tim. 2:2; 1 Ped. 2:13-14).

A autoridade oficial é autoridade conferida a um ofício estático. Funciona independente das ações da pessoa que a ocupa. A autoridade oficial é autoridade posicional e fixa. Enquanto a pessoa ocupar o cargo, tem autoridade.

Quando alguém exerce as funções de autoridade, o recipiente chega a ser “uma autoridade” por seu próprio direito. É por esta razão que se exorta aos cristãos que se sujeitem aos líderes governamentais – não importando seu caráter (Rom. 13:1ss.; 1 Ped. 2:13-19).

Nosso Senhor Jesus, assim como Paulo, mostraram espírito de sujeição quando compareceram ante a autoridade oficial (Mat. 26:63-64; Atos 23:2-5). De maneira similar, devemos sempre nos sujeitar a esta autoridade. A ausência de lei e o desprezo pela autoridade são sinais de uma natureza pecadora (2 Ped. 2:10; Judas 8). Ao mesmo tempo, a sujeição e a obediência são duas coisas bem diferentes, e é um erro fatal confundi-las.

## **Sujeição Versus Obediência**

Em que difere a sujeição da obediência? A sujeição é uma atitude. A obediência é uma ação. A sujeição é absoluta. A obediência é relativa. A sujeição é incondicional. A obediência é condicional. A sujeição é um assunto interior. A obediência é um assunto exterior.

Deus nos convoca a ter um espírito de humilde sujeição diante daqueles que Ele colocou em autoridade sobre nós na ordem natural. Contudo, não podemos obedecer-lhes se nos mandam fazer o que viola Sua vontade, porque a autoridade de Deus é maior que qualquer autoridade terrena.

Não obstante, você pode desobedecer enquanto se submete. Pode desobedecer a uma autoridade terrena mantendo um espírito de humilde sujeição. Pode desobedecer e ao mesmo tempo manter uma atitude de respeito e reverência, distinto do espírito de rebelião, injúria e subversão (1 Tim. 2:1-2; 2 Ped. 2:10; Judas 8).

A desobediência das parteiras hebréias (Exo. 1:17), os três jovens hebreus (Dan. 3:17-18), Daniel (Dan. 6:8-10), e os apóstolos (Atos 4:18-20; 5:27-29) exemplificam o princípio de estar sujeito a uma autoridade oficial ao mesmo tempo em que desobedece quando esta se choca com a vontade de Deus.

Se Deus estabelece autoridade oficial para operar na ordem natural, Ele não instituiu este tipo de autoridade na igreja. É por essa razão que os líderes eclesiais silenciam diante dos argumentos de Paulo na esfera da autoridade em Efésios 5-6 e Colossenses 3. Deus dá autoridade (*exousia*) aos crentes para exercer certos direitos. Entre eles está a autoridade (*exousia*) de serem feitos filhos de Deus (João 1:12), possuir propriedades (Atos 5:4), decidir casar-se ou não (1 Cor. 7:37), decidir o que comer ou beber (1 Cor. 8:9), curar enfermidades (Mar. 3:15), expulsar demônios (Mat. 10:1; Mar. 6:7; Luc. 9:1; 10:19), edificar a igreja (2 Cor. 10:8; 13:10), receber bênçãos especiais associadas a certos ministérios (1 Cor. 9:4-18; 2 Tes. 3:8-9), ter autoridade sobre as nações e comer da árvore da vida no reino futuro (Ap. 2:26; 22:14).

Mas em nenhuma parte a Bíblia ensina que Deus deu autoridade (*exousia*) aos crentes sobre outros crentes! Recordemos a palavra de nosso Senhor em Mateus 20:25-26 e Lucas 22:25-26 onde condena as formas de autoridade tipo *exousia* entre Seus seguidores. Este fato deve ser motivo para uma séria reflexão.

Portanto, sugerir que os líderes na igreja devem exercer o mesmo tipo de autoridade que os dignitários representa logicamente um salto e uma excessiva generalização. Uma vez mais, o NT nunca vincula a *exousia* aos líderes da igreja, nem estabelece que alguns crentes tenham *exousia* sobre outros crentes.

Sem dúvida, o AT descreve os profetas, sacerdotes, reis e juízes, como autoridades oficiais. Isto se deve ao fato destes “ofícios” serem sombras da autoridade ministerial do próprio Jesus Cristo. Cristo é o verdadeiro Profeta, Sacerdote, Rei e Juiz. Mas no NT nunca encontramos qualquer passagem que

descreva ou represente algum líder enquanto autoridade oficial. Isto inclui os guardiões locais, assim como aos obreiros de fora.

Para ser franco, a noção de que os cristãos têm autoridade sobre outros cristãos é um exemplo de exegese forçada e, como tal, é bíblicamente insustentável. Quando os líderes da igreja exercem o mesmo tipo de autoridade que desempenham os oficiais governamentais, tornam-se usurpadores!

Certamente, a autoridade funciona na igreja, mas esta autoridade que funciona na *ekklesia* é notavelmente diferente da que se exerce na ordem natural. Isto faz sentido na medida em que a igreja não é uma organização humana, mas um organismo espiritual. A autoridade que opera na igreja não é *oficial*. É *orgânica*.

### **Autoridade Divina Versus Autoridade Oficial**

Quê é autoridade orgânica? É a autoridade baseada na vida espiritual. A autoridade orgânica é autoridade *comunicada*. Ou seja, quando uma pessoa comunica a vida de Deus através da palavra ou obra, tem a ajuda e o respaldo do próprio Senhor.

Todos os cristãos em virtude do fato de possuírem a vida do Espírito, possuem uma medida de autoridade orgânica. É por esta razão que o NT nos ordena a que nos submetamos *uns aos outros* no temor de Cristo. Mas os mais maduros na vida espiritual tendem a expressar o pensamento de Deus de uma maneira mais firme que os carnais e imaturos (Heb. 5:14).

A autoridade orgânica tem sua fonte na direção *imediate* de Cristo e não em um ofício estático. A autoridade orgânica não é intrínseca a uma pessoa ou a uma posição. Não reside no próprio homem ou no cargo que ocupa (como ocorre com a autoridade oficial).

Pelo contrário, a autoridade orgânica está fora do indivíduo. Isto é assim porque esta pertence a Cristo. Somente quando Cristo dirige a uma pessoa a palavra ou a ação é que essa pessoa exerce autoridade. Em outras palavras, uma pessoa tem direito de ser ouvida e obedecida apenas quando reflete a mente do Senhor. A autoridade orgânica, por conseguinte, é comunicada e derivada.

A natureza comunicativa da autoridade orgânica pode ser compreendida no bojo da metáfora do Corpo que Paulo traça para a igreja. Quando a Cabeça (que é a fonte de toda autoridade) pede à mão que se mova, a mão possui a autoridade da Cabeça. A mão, não obstante, não tem autoridade própria. Sua autoridade surge apenas quando atua de acordo com a comunicação da Cabeça. A mão é uma autoridade na medida em que representa a vontade da Cabeça.

Note que o movimento da cabeça física em relação ao corpo físico é orgânico. Está baseado no humano como um organismo vivente que possui vida natural. O mesmo princípio é verdadeiro no que toca à Cabeça espiritual e ao Corpo espiritual. Os crentes exercem autoridade espiritual somente quando suas palavras e atos representam a Cristo.

Por conseguinte, a autoridade orgânica é flexível e fluída, e nunca estática. A autoridade orgânica é transmitida e baseia-se na maturidade espiritual e no serviço. Portanto, não é algo irrevogável.

Isto explica por que Pedro e Tiago, assim como Paulo e Barnabé, flutuavam com relação à medida da influência espiritual que exerciam (Atos 1:15; 2:14; 12:17,25; 13:2,7, 13ss.; 15:2,7,13,22). Uma vez que a autoridade divina não é oficial, mas derivada, os crentes não assumem, herdaram, conferem, nem substituem a autoridade de Deus. Unicamente a representam. Esta é uma diferença categórica. A falha em compreendê-la conduz à confusão e ao abuso no povo de Deus.

Quando discutimos a autoridade espiritual, a ênfase sempre deve estar na função e no serviço e não numa noção mística de “espiritualidade”. Exigir autoridade com base na própria espiritualidade é praticamente o mesmo que se proclamar autoridade oficial, pois reivindicar “espiritualidade” constitui um ofício velado.

Se alguém é verdadeiramente espiritual, sua espiritualidade se manifestará na forma como vive, serve e escuta o Senhor. A espiritualidade pode discernir-se apenas a partir deste último e não pelos reclamos promocionais da pessoa que a assume. Desta maneira, manter o enfoque no serviço e na função ajuda a proteger as igrejas que seguem o modelo do NT para que não descambem no culto à personalidade.

### **Uma Comparação Proveitosa**

Separemos algumas das distinções entre autoridade oficial e autoridade orgânica.

As autoridades oficiais devem ser obedecidas sempre e quando o que declarem não viole a vontade de uma autoridade superior. (Atos 5:29). O NT aconselha aos filhos que obedeçam a seus pais (Efésios

6:11; Col. 3:20), aos cidadãos que obedeçam as autoridades governamentais (Tito 3:1), e aos empregados que obedeçam a seus empregadores. (Efésios 6:5; Col. 3:22).

Por contraste, aos que exercem autoridade orgânica nunca é exigido obediência. Antes, eles buscarão *persuadir* aos demais para que obedeçam a vontade de Deus. Por esta razão, Hebreus 13:17 nos convoca a que permitamos que nossos líderes nos persuadam (*peitho*).

1- As cartas de Paulo lançam mais luz sobre este tema. Todas elas abundam com súplicas e petições, e estão carregadas com uma linguagem persuasiva. (Sobre isto detalharemos mais adiante).

2- As autoridades oficiais são totalmente responsáveis na medida em que conduzem a práticas errôneas aqueles que estão sob sua responsabilidade. Em Números 18 aprendemos que o peso da iniquidade caiu sobre os ombros dos sacerdotes. Eles eram as autoridades oficiais em Israel. Ao contrário das autoridades oficiais, a autoridade orgânica nunca anula a responsabilidade dos demais. Na igreja, os crentes são totalmente responsáveis pelas suas próprias ações – mesmo quando decidem obedecer ao conselho de outro. É por esta razão que a Escritura repetidamente menciona a prova dos frutos. Igualmente ensina que o engano traz consigo o juízo divino (Mat. 7:15-27; 16:11-12; 24:4-5; 1 Cor. 14:29; Gál. 1:6-9; 2:4; Fil. 3:2-19; 1 Tes. 5:21; 1 Tim. 2:14; 1 João 3:4-10; 4:1-6). O NT nunca ensina que o cristão que obedece outra pessoa não é responsável por suas ações.

3- As autoridades oficiais podem ser menos maduras, menos espirituais e menos justas do que aqueles sobre os quais tem autoridade. Mas a autoridade orgânica está diretamente vinculada à maturidade espiritual, e não pode separar-se dela.

Sempre dizemos a nossos filhos, “obedeçam aos mais velhos” porque os mais velhos (na vida natural) tendem a ser mais maduros em seu conselho. Por esta razão, merecem nosso respeito e sujeição (1 Ped. 5:5a). Sucede o mesmo no reino espiritual.

Os que mais se desenvolvem na vida espiritual possuem uma medida maior de autoridade orgânica. (Uma pessoa não pode exercer autoridade espiritual a menos que ela mesma esteja sob a autoridade de Deus). Um claro sinal de grandeza e maturidade espiritual é um espírito de serviço e de mansidão. Consideremos os seguintes textos que nos exortam a estimar os que mostram ambas características:

*E agora, irmãos, eu vos peço o seguinte (sabeis que a casa de Estéfanos são as primícias da Acácia e que se consagraram ao serviço dos santos): que também VOS SUJEITEIS A ESSES TAIS, COMO TAMBÉM A TODO AQUELE QUE É COOPERADOR E OBREIRO. Alegro-me com a vinda de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; porque estes supriram o que da vossa parte faltava. Porque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso. RECONHECEI, POIS, A HOMENS COMO ESTES. (1 Cor. 16:15-18 BA).*

Recebei-o, pois, no Senhor com toda a alegria, E HONRAI SEMPRE A HOMENS COMO ESSE; VISTO QUE, POR CAUSA DA OBRA DE CRISTO, CHEGOU ELE ÀS PORTAS DA MORTE E SE DISPÔS A DAR A PRÓPRIA VIDA, PARA SUPRIR A VOSSA CARÊNCIA DE SOCORRO PARA COMIGO. (Filipenses 2:29-30).

Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço OS QUE TRABALHAM ENTRE VÓS E OS QUE VOS PRESIDEM NO SENHOR E VOS ADMOESTAM; E QUE OS TENHAIS COM AMOR EM MÁXIMA CONSIDERAÇÃO, POR CAUSA DO TRABALHO QUE REALIZAM... (1 Tes. 5:12-13).

Os anciãos que dirigem bem DEVEM SER TIDOS COMO DIGNOS DE DOBRADA HONRA, ESPECIALMENTE OS QUE TRABALHAM ARDUAMENTE NA PALABRA E NO ENSINO... Não admitas acusação contra um ancião a não ser que haja duas ou três testemunhas. (1 Tim. 5:17, 19).

Lembra-vos dos vossos guias, OS QUAIS VOS PREGARAM A PALAVRA DE DEUS; E, CONSIDERANDO ATENTAMENTE A FINALIDADE DE SUA VIDA, IMITAI A SUA FÉ. (Heb. 13:7).

Deixe-vos persuadir pelos que os dirigem, E SUBMETEI-VOS A ELES; PORQUE ELLOS VELAM POR VOSSAS ALMAS, COMO QUEM TEM DEVE PRESTAR CONTAS. Para que façam isso com alegria, e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros (Heb. 13:17).

*Rogo igualmente aos jovens. SEDE SUBMISSOS AOS MAIS VELHOS... (1 Pedro 5:5).*

O NT exorta claramente a igreja para que dê a devida importância aos que trabalham incansavelmente no serviço espiritual. Tal estima é espontânea e instintiva. Jamais se deve absolutizar ou formalizar.

O critério do NT para rol dos modelos é sempre funcional, e não formal. Embora devamos valorizar o serviço dos que dedicam suas vidas a nosso serviço, é um grave erro diferencia-los formalmente do resto da comunidade dos crentes. (É aqui onde falha o ensino da “cobertura”!).

Com efeito, a honra que um crente recebe da igreja sempre é merecida; nunca pode ser exigida ou imposta. Os que são verdadeiramente espirituais não exigem autoridade espiritual sobre os demais, nem se jactam de seu labor e maturidade espiritual. De fato, as pessoas que fazem tais exigências revelam sua imaturidade. A pessoa que declara que é “o homem de Deus ungido com força e poder para os dias de hoje” – ou elogios similares – prova uma coisa: que não tem autoridade!

Muito pelo contrário, os que recebem estima na igreja são os que tem *provado* serem servos dignos de confiança – não na mera retórica, mas na realidade (2 Cor. 8:22; 1 Tes. 1:5; 2 Tes. 3:10). O reconhecimento e a confiança que o Corpo tem neles é o único sinal seguro da própria autoridade espiritual.

4- As autoridades oficiais possuem autoridade até serem removidas de seu ofício delegado. Enquanto estiverem no cargo, sua autoridade funciona, indiferente de terem tomado decisões sábias ou injustas. Por exemplo, enquanto o rei Saul se sentou no trono de Israel, reteve sua autoridade mesmo depois que o Espírito de Deus haver se afastado dele (1 Sam. 16:14;24:4-6)!

A autoridade orgânica por outro lado, opera somente quando Cristo é expresso. Deste modo, se um crente exorta a igreja para que esta faça algo que não reflita a autoridade da Cabeça (mesmo que isso não viole uma lei prescrita por Deus), não há autoridade que o respalde. Somente Jesus Cristo tem autoridade, e somente o que flui de Sua vida tem autoridade.

5- As autoridades oficiais sempre estão estabelecidas em forma de hierarquia. A autoridade orgânica nunca está relacionada com a hierarquia (Mat. 20:25-28; Luc. 22:25-27). De fato, a autoridade orgânica é sempre distorcida e abusada quando associada com a hierarquia. Como vimos aqui, o imaginário hierárquico está ausente da Escritura, porque virtualmente sempre provoca danos ao povo de Deus.

Em suma, a autoridade orgânica não flui de cima abaixo. Tampouco funciona de maneira hierárquica como uma cadeia de comando. Ao mesmo tempo, a autoridade orgânica tampouco funciona de baixo para cima. Ou seja, não flui da igreja para a pessoa. Se porventura uma igreja decide dar autoridade a uma pessoa para uma tarefa específica, tal pessoa não terá autoridade se não refletir a mente de Cristo.

A autoridade orgânica funciona *de dentro para fora*. Quando Cristo conduz alguém ou uma igreja a falar ou agir, eles estão respaldados pela autoridade da Cabeça! Esta é a única autoridade que existe no universo. Jesus Cristo, representado pelo Espírito que mora no interior dos Seus, é o exclusivo manancial, o fundamento e a fonte de toda autoridade. E não há cobertura sobre Sua Cabeça!

O resultado final é que os problemas de liderança na moderna igreja se derivam de uma aplicação vergonhosamente superficial das estruturas de autoridade oficial em cima das relações espirituais. Esta aplicação errônea está baseada em uma mentalidade de autoridade estilo camisa de força. Mas é um erro atroz transplantar o modelo da autoridade oficial à assembléia cristã – ou a qualquer outra esfera de relação orgânica (como o matrimônio).

### **A Sujeição Mútua é Sempre Marcada pelo Amor**

Cada vez que um crente expressa autoridade orgânica na igreja, fazemos bem a reconhecendo. Rebelar-se contra esta autoridade é rebelar-se contra Cristo, porque não há autoridade sem Jesus Cristo como Seu autor. Por conseguinte, rechaçar as palavras de alguém quando estas expressam o pensamento de Deus é rechaçar Sua autoridade.

A sujeição que está cimentada em nossa submissão a Deus é marcada pelo amor. O amor sempre está aberto para aprender e escutar o que os demais têm a dizer. Ao mesmo tempo, o amor está disposto a admoestar os que fraquejam.

O amor rechaça a espiritualidade free-lancing, faça você mesmo, estrela solitária, mas valoriza a interdependência do Corpo. O amor reconhece que por sermos membros uns dos outros e por possuímos a mesma linhagem, nossas ações tem um profundo efeito sobre os demais. O amor reprova o cristianismo individualista e privado, mas afirma a necessidade que tem dos outros membros de Cristo.

O amor às vezes é doce, amável e agradável. Todavia, quando enfrenta os horrores do pecado, pode ser penetrante, combatível e inflexível. O amor é paciente, respeitoso e gentil. Nunca é estridente, degradante ou ditatorial. O amor repudia os reclamos ostentosos e impositivos da autoridade. Em troca, é profundamente marcado pela humildade e mansidão.

O amor não é flácido ou sentimental, mas profundamente perceptivo e perspicaz. O amor sempre oferece seus recursos para ajudar aos demais, nunca manipula ou impõe sua própria vontade. O amor nunca força, exige ou obriga.

O amor nos impele a aceitar a responsabilidade de sermos “guardas de nosso irmão”, mas nos proíbe nos convertermos em intrometidos impertinentes em suas vidas. Com efeito, somos chamados a *representar* a vontade do Espírito Santo mutuamente. Todavia, nunca somos chamados a *substituir* Sua Pessoa ou *refazer* Sua obra!

A sujeição mútua não é uma licença para investigar os assuntos íntimos de nossos irmãos para “assegurar-se” de que estão caminhando retamente! A Bíblia jamais nos dá liberdade para examinar nosso irmão acerca de seus investimentos financeiros, a forma como faz amor com sua companheira, ou outras áreas de intimidade.

Esta classe de investigação desnecessária é feita com o intuito de “prestar contas”, com o mesmo espírito das seitas autoritárias. Esta maneira de pensar inevitavelmente mergulhará qualquer comunidade de crentes em uma onda de pressão e inconformidade. (Mas se um crente deseja *voluntariamente* confiar a alguém seus assuntos pessoais, isso é outra coisa. Pois se trata de uma decisão, não de uma obrigação).

Nunca devemos perder de vista o fato de que a Bíblia concede um alto valor à liberdade cristã individual, e à privacidade (Rom. 14:1-12; Gál. 5:1; Col. 2:16; Tiago 4:11-12). Por conseguinte, o respeito por estas virtudes deve ser alto entre os crentes. A menos que exista uma boa razão para suspeitar que um irmão ou irmã esteja em sério pecado, é profundamente anticristão bedelhar e intrometer-se em seus assuntos familiares.

O NT nos adverte que não devemos nos “intrometer em tudo”. . . “falando coisas indevidas” (1 Tim. 5:13; 1 Ped. 4:15). Pela mesma razão, se um crente está espiritualmente em perigo – lutando com algum “pecado grave”, o amor exige que busque e receba ajuda da igreja.

Em suma, na medida em que a sujeição mútua sempre se expressa em amor, esta gera uma cultura de segurança e de salvaguarda espiritual. Sujeição mútua não é controle, mas mútua ajuda. Nunca deve congelar-se em um sistema estático ou formal. Não é oficial, legal nem mecânica. Mas funcional, espontânea e orgânica. Cada vez que se transforma em uma instituição humana torna-se perigosa – não importa o nome que adquira! Como Cristãos, temos um instinto espiritual que permite nos submetemos à autoridade espiritual. Quando nos sujeitamos a ela, a igreja sempre se beneficia.

Cada vez que convidamos outros a entrarem em nossa vida, deixamos aberta a porta para que o Senhor nos anime, motive e proteja. É por esta razão que o livro dos Provérbios repetidamente acentua que na “*multidão de conselheiros há segurança*” (Prov. 11:14; 15:22; 24:6). O amor, pois, é o guarda-chuva Divino que nos proporciona proteção espiritual. Graças a Deus que não é tão estreito como os corações de alguns que se abrigam nele. No final das contas, apenas o amor tem uma “cobertura” de poder (Prov. 10:12; 17:9; 1 Ped. 4:8).

### **O Custo da Mútua Sujeição**

A mútua sujeição é radicalmente diferente da subordinação unilateral das estruturas autoritárias. Ao mesmo tempo, não deve ser confundida com o igualitarismo altamente individualista, moralmente relativo e tolerante típico do pensamento pós-moderno.

A mútua sujeição tem seu preço. Enfrentemo-lo. Nossos egos não gostam de se sujeitar a nada! Como criaturas caídas, queremos fazer o que a *nossos próprios* olhos é correto – sem a interferência dos demais.

A inclinação de rechaçar a autoridade orgânica está profundamente arraigada em nossa natureza adâmica (Rom. 3:10-18). Receber correção, admoestação e censura de outros mortais constitui uma cruz difícil de levar (Prov. 15:10; 17: 10; 27:5-6; 28:23). É por esta razão que a submissão mútua serve como antídoto a nossa carne rebelde e cultura caótica.

Exercer autoridade espiritual é igualmente doloroso. A menos que alguém seja um “exímio controlador”, a tarefa de admoestar aos demais é difícil e perigosa. A Escritura nos diz que um irmão ofendido é mais difícil de ganhar do que uma cidade murada (Prov. 18:19)! De forma que a dificuldade de corrigir outros, juntamente com o temor do confronto, torna bem penoso para nossa carne obedecer ao Senhor em áreas onde devemos expressar Sua autoridade.

É bem mais fácil deixar tudo para lá. É bem mais simples orar pelos nossos irmãos equivocados. É bem mais difícil confronta-los amorosamente.

Tudo isso nos leva ao fato assombroso de que o amor deve governar nossa relação com os demais, porque se amarmos os irmãos, nos sujeitaremos a seu conselho e admoestação. Assim, o amor nos

constrange a nos aproximar de nossos irmãos débeis com um espírito de mansidão quando necessitam nosso auxilio. (Gál. 6:1; Tiago 5:19-20). No fundo, o caminho do amor é sempre o caminho da cruz.

### **A Importância de Ver Deus na Comunidade**

Na medida em que a sujeição mútua está permeada de amor, ela tem suas raízes na própria Natureza Divina. Deus, por natureza, é Comunidade. O Deus único compõe uma Comunidade de três Pessoas que eternamente compartilha suas vidas mutuamente. (Esta verdade é historicamente conhecida como *Trindade*).

Dentro da Deidade, o Pai se revela no Filho. Que por sua vez dá a Si mesmo sem reservas ao Pai. O Espírito, como Mediador, derrama em ambos seu mútuo amor. Dentro desta dança Divina de amor, não existe hierarquia. Há apenas comunhão, sujeição e amor mútuo. (João 14:28 e 1 Cor. 11:3 não contradiz este principio, porque tem em vista a sujeição voluntária do Filho ao Pai como a parte que lhe corresponde nesta relação de mútua sujeição).

O compartilhamento mútuo que ocorre constantemente na Deidade é a pedra angular do amor. De fato, é a própria razão pela qual João pode dizer que “Deus é amor” ( 1 João 4:8). Se Deus não fosse Comunidade, não poderia haver ninguém a quem amar antes da criação, porque o ato de amar requer a presença de duas ou mais pessoas.

A igreja é a comunidade do Rei. Como tal é chamada a refletir a relação recíproca de amor produzida no seio da Deidade. Não há hierarquia na Deidade. Tampouco há na *ekklesia*. Dentro de seus muros há somente sujeição mutua governada por um mutuo amor. Isto é assim porque a igreja vive pela vida Divina – a mesma vida que existe na Deidade (João 6:57; 17: 20-26; 2 Pe. 1:4).

O NT é bem explicito quando usa o tema da família para aplica-lo à igreja. A igreja é uma grande família. Uma comunidade que cara a cara compartilha suas cargas mutuamente confessa mutuamente seus pecados e conversa mutuamente sobre suas decisões pendentes. Dentro do entorno familiar da igreja, a mutua sujeição cria unidade. Constrói o amor. Provê estabilidade. Fomenta o crescimento e dá um significado mais rico à vida cristã.

Em outras palavras, a vida crista não é outra coisa senão uma relação permanente vivida cara a cara na comunidade. É impossível de ser vivida em qualquer outro ambiente. A *ekklesia* – a comunidade do Rei – é o habitat natural do cristão.

Por contraste, nas hierarquias, a sujeição e a responsabilidade na prestação de contas são elementos punitivos e legalistas. Que produzem temor, domínio e controle – tudo isto era alheio à igreja primitiva. Desta maneira, a sujeição mutua é um antídoto à linha dura nicolaíta (clericalismo).

A mútua sujeição enfatiza poder *a favor de* e poder *entre*, em vez de poder *sobre*. Estimula o fortalecimento de todos em vez do fortalecimento de alguns. Destaca o valor das relações em vez dos programas, do vínculo em vez da separação, da conexão em vez do isolamento.

O organismo em vez da organização, a participação em vez da passividade, a integração em vez da fragmentação, a solidariedade em vez do individualismo, o espírito de serviço em vez da dominação, a interdependência em vez da independência, e a riqueza interior em vez da insegurança.

Nossa cultura, por sua vez, estimula a autoconfiança, o individualismo e a independência, mas tais coisas são incompatíveis com a ecologia da igreja do NT. Na medida em que Deus é Comunidade, Seus filhos foram desenhados para ser comunidade. Nossa nova natureza (por meio da regeneração) nos chama a isto.

Nós, cristãos, não somos seres isolados. Da mesma forma que o Deus Triúno, fomos criados na forma de uma espécie comunitária (Ef. 4:24; Col. 3:10). Que desenvolve significativas relações com os demais. A doutrina moderna da “cobertura” obscurece esta luminosa visão, mas o princípio da mútua sujeição a destaca marcadamente.

Em poucas palavras, a natureza Triúna de Deus é fonte e modelo para toda comunidade humana. E é dentro desta relação amorosa da Deidade que o principio da sujeição mutua encontra seu verdadeiro valor.

A sujeição mutua, por conseguinte, não é um conceito humano. Surge da natureza comunitária e interativa do Deus eterno. E é esta mesma natureza que a *ekklesia* é chamada a levar. Desta maneira, a sujeição mutua nos capacita a contemplar o rosto de Cristo na trama e urdidura da vida da própria igreja.

Tomando emprestado as palavras de John Howard Yoder, o conceito de autoridade e submissão apresentado neste capítulo pode ser resumido na seguinte frase: “Proporciona mais autoridade à igreja do que Roma confia mais no Espírito do que o Pentecostalismo, tem mais respeito pelo indivíduo do que o



humanismo, faz dos estandartes morais algo mais obrigatório do que o puritanismo, e é mais aberta a qualquer determinada situação do que a 'Nova Moralidade'".

# CAPÍTULO 4

## COBERTURA DENOMINACIONAL

O moderno sistema denominacional aceita a divisão do corpo de Cristo. Muitos cristãos crêem que as denominações nos protegem do erro. Mas isto é uma ilusão.

A “cobertura denominacional” está edificada sobre a idéia de que se eu pertença a uma denominação cristã, estou de alguma forma magicamente “coberto” ou “protegido” do erro. O fato dos membros do sistema denominacional rotineiramente se extraviarem é prova de que tal idéia é uma farsa. A noção de que “estou coberto” porque presto contas a algum indivíduo ou a alguma organização remota (como a igreja Católica Romana presta conta ao Papa) é pura ficção.

A única proteção do erro está na submissão ao Espírito da verdade no Corpo de Cristo (1 Jn. 2:20,27). A idéia de Deus referente à responsabilidade de prestar contas vai da pessoa para com o grupo de crentes, não de *pessoa* para pessoa! A proteção espiritual vem de nossa relação com o Espírito e de nossa conexão com outros cristãos. Aqui está a raiz da natureza da comunidade cristã.

Por contraste, o complicado e regulamentado sistema denominacional de prestação de contas de cima para baixo substitui a mútua sujeição. Em outras palavras, o denominacionalismo obscurece a sujeição mútua com a neblina do moderno clericalismo e com o calor dos debates entre facções.

### A Tirania do Status Quo

Se você duvida que o sistema denominacional seja baseado em um controle hierárquico de direção, investigue. Se fizer isso, verá os motores da retórica clerical funcionando a todo vapor.

A espantosa verdade é que os que questionam a autoridade clerical fazem estremecer o sistema religioso como um todo. Tornando-se vítimas de difamação e calúnia.

Se você for uma dessas pessoas, prepare-se para ser chamado de “herege”, “agitador”, “perturbador”, “rebelde” e “revoltado”. A retórica religiosa foi planejada para sufocar a reflexão. Seu propósito é tirar do caminho aqueles que honestamente divergem do status quo.

Por conseguinte, a casa de Deus sofre por causa dos que alimentam um espírito de censura. Padece nas mãos dos que expulsam da sinagoga do Senhor aqueles que são preciosos a Seus olhos. É atribulada pelos que fecham a porta da casa aos membros da família (3 Jn. 9-10).

Os que usurpam autoridade se regalam de elogios eloqüentes sobre como salvaguardam as ovelhas de Deus dos perigos do isolamento. Argumentam que as seitas se multiplicam porque alguns se separam do Corpo de Cristo. Mas aqui está a ironia: As denominações fazem exatamente isso!

A “cobertura denominacional” se parece muitíssimo com a noção nociva da liderança amo/escravo que caracteriza as modernas seitas. Nas denominações, os membros seguem sem reservas a um único líder ou organização. Contrariando o princípio bíblico da mútua sujeição que enfatiza a submissão de *uns para com os outros* que se opõe à obediência inquestionável a um líder humano ou organização hierárquica.

Para destacar um ponto sensível dessa temática, o ensino da “cobertura” é muitas vezes utilizado como um laço para capturar aqueles que não se encontram sob alguma bandeira denominacional. A “cobertura” constitui uma arma nas mãos de grupos religiosos partidários para assegurar o terreno teológico. Esta arma foi utilizada pela intolerância e pelo fanatismo sectário que fratura a comunhão do povo de Deus – destroça o Corpo de Cristo – e estilhaça a igreja.

Em suma, o moderno pântano denominacional contamina a paisagem cristã, convertendo o “Corpo” em uma entidade tragicamente dividida com uma tradição que o estrangula. Os defensores do denominacionalismo crêem que este sistema é útil. Em sua opinião, as diferentes denominações representam as distintas partes do Corpo de Cristo.

Mas o sistema denominacional é alheio ao NT e incompatível com a unidade cristã. Está baseado em divisões bíblicamente injustificáveis (1 Cor. 1-3). Com efeito, o denominacionalismo deriva de uma visão fracionada do Corpo de Cristo. (Veja meu livro, *Repensando os Odres*, para mais detalhes).

### O Governo da “Igreja Mãe”

Cada igreja nascida nos primeiros dezessete anos a partir de Pentecostes foi engendrada da igreja de Jerusalém. Mas estas novas igrejas não tinham uma relação formal nem subordinada com Jerusalém.

Nesse aspecto, o NT *sempre* descreve igrejas autônomas (independentes) mas fraternalmente relacionadas.

Isto significa que na mente de Deus, cada igreja é uma na vida com todas as demais igrejas. Mas cada igreja é independente, auto governada, e é responsável apenas diante de Deus em suas decisões. Portanto, o conceito de “igreja mãe” que governa a partir de uma sede denominacional é baseada em uma interpretação distorcida da Escritura. Claramente sectária!

Nosso Senhor nunca quis que as igrejas locais se agregassem sob uma sede denominacional, sob uma super federação ou associação diocesana. O princípio Escritural afirma que cada igreja é independente em sua supervisão e em sua tomada de decisões. (Considere as palavras de nosso Senhor às sete igrejas da Ásia. Ele trata cada assembléia de acordo com seus problemas peculiares – Ap. 1-3).

Este princípio também brota nas epístolas de Paulo. Nelas, o apóstolo trata cada igreja como um organismo autônomo auto governado. De acordo com Paulo, cada igreja é diretamente responsável para com Deus e presta contas diretamente a Ele (Efésios 5:24; Col. 1:9-10).

Portanto, é um erro crasso manter igrejas locais vinculadas a um federalismo religioso. O correto é colocar cada igreja sob a mesma Cabeça. Todas elas são uma única vida. Por esta razão, cada igreja deve cooperar com as demais, aprender delas e auxiliar-se mutuamente (Atos 11:28-30; Rom. 15:25-29; 2 Cor. 8:1-14; 1 Tes. 2:14). Esta era a prática das igrejas primitivas (Rom. 16:1; 1 Cor. 16:19; 2 Cor. 13:13; Fil. 4:22).

Ao mesmo tempo, cada igreja é obrigada a abraçar a tradição que os apóstolos estabeleceram para “cada igreja” (1 Cor. 4:16-17; 7:17; 11:16; 14:33; 16:1; 1 Tes. 2:14). Se uma igreja funciona por conta própria em uma linha *meramente* individualista no que diz respeito a suas práticas eclesiais, isto significará que se separaram do princípio Divino.

De acordo com o princípio Divino, cada igreja deve desenvolver sua própria supervisão, ministério e testemunho único. Por outro lado, deve haver relação espiritual e auxílio entre as igrejas.

Cada igreja responde diretamente à sua Cabeça (Cristo) e está sob Seu imediato controle. Cada uma mantém uma forte independência local em seus assuntos. Isto significa, entre outras coisas, que é antibíblico que uma igreja dirija ou discipline outra igreja. Todavia, cada igreja deve receber ajuda e estímulo das outras igrejas.

Na mente de Deus, uma igreja não tem o direito de regular, controlar ou intrometer-se nos assuntos, ensinamentos ou práticas de outra assembléia. O sistema denominacional viola todos estes princípios.

A unicidade e a relação das igrejas preserva o testemunho de que *o Corpo* é uno. A independência e a autonomia das igrejas preserva o testemunho de que *a Cabeça* é soberana.

## O Tema de Atos 15

Como contra argumento, alguns adotam Atos 15 como o precedente Bíblico de uma “igreja mãe” que governa. Mas uma análise cuidadosa deste texto mostra decisivamente que trata-se de uma aplicação injustificada que notoriamente destoa do restante do NT. A primeira vista, pode parecer que Paulo e Barnabé foram até a igreja de Jerusalém porque esta teria uma autoridade unilateral sobre qualquer outra igreja. Todavia, esta noção vem abaixo quando o capítulo é lido em seu conjunto.

A história é essa. Alguns da igreja de Jerusalém levaram um ensino errôneo à igreja de Antioquia. Paulo e Barnabé foram instados a visitar Jerusalém para tomar conhecimento do assunto. Por quê? Porque tal ensino originou-se em Jerusalém (Atos 15:1-2,24).

Se o falso ensino houvesse saído da igreja de Antioquia, Paulo e Barnabé tratariam do assunto ali. Como a doutrina saiu da igreja de Jerusalém, os dois homens foram a Jerusalém para saber quem introduziu o falso ensinamento. Também queriam deixar claro que nem os anciãos nem os apóstolos o aceitavam.

Quando chegaram, os membros da igreja que ensinaram aquela doutrina foram identificados (15:4-5). Isso levou a igreja a um concílio. Resultando que os santos de Jerusalém repudiassem publicamente aquela doutrina (15:6ss.).

A decisão do concílio incluiu a aprovação dos doze apóstolos, dos anciãos e de toda igreja, que circulou nas igrejas gentílicas. As coisas foram feitas desta maneira com a finalidade de alertar as demais igrejas a respeito da temática. Esta decisão teve a autoridade de Deus porque foi inspirada pelo Espírito Santo (15:28), e porque foi tomada pela igreja (15:23,28,31).

Tratar de ver algo além neste relato evidencia o erro de não levar seriamente em conta os aspectos históricos específicos que estão por trás da narrativa. Muitos, em vez de buscar o sentido e a direção

original do texto, utilizam essa passagem para introduzir argumentos próprios. Portanto, a idéia de uma “igreja mãe” autoritária carece de fundo Escritural, e o relato do primeiro século não a sustenta.

Não há dúvida de que a igreja de Jerusalém foi amada, apreciada e auxiliada pelas demais igrejas (Rom. 15:26-27; 2 Cor. 9:11-13). Porém não há nada no NT que nos leve a crer que ela possuía uma autoridade suprema, nem que as demais estivessem subordinadas a ela. Pelo contrário, cada igreja era autônoma e diretamente responsável diante de Deus. Nenhuma igreja estava subordinada a outra.

O sistema denominacional é uma cópia defeituosa do exemplo Escritural e viola o princípio espiritual. O denominacionalismo fragmenta o Corpo de Cristo e é a causa de sectarismo religioso. Aliena a família de Deus. Desintegra a estrutura de nossa irmandade espiritual convertendo-a em um interminável amontoado de divisões religiosas. Engendra na família de Cristo milhares de grupos que se enfrentam mutuamente.

## **O Denominacionalismo é Contraproducente**

Outro problema oriundo do moderno sistema denominacional é que ele arrebenta aquilo que afirma proteger e preservar. *Derruba* eficazmente aquilo que pretende *edificar*! O denominacionalismo Protestante, como as típicas práticas sectárias e tortuosas do Catolicismo Romano, se deteriorou a ponto de converter-se em uma instituição humana que vomita despotismo contra seus dissidentes. Defende solícitamente seus adeptos, enquanto condena os demais por supostas violações doutrinárias.

É por esta razão que Paulo repreende os cristãos de Corinto contra o partidarismo e as divisões (1 Cor. 1:11-13; 3:3-4). Hoje em dia não é menos escandaloso o ato de violentamente impor à família de Deus a camisa de força do partidarismo denominacional. Incidentalmente, muitas das igrejas chamadas não-denominacionais, inter-denominacionais e pós-denominacionais são tão hierárquicas e sectárias como as grandes e antigas denominações. Estas também pertencem ao “*sistema* denominacional”.

Na verdade é surpreendente a forma como o sistema denominacional realmente perpetua a heresia – aquilo que se propõe refrear. Vale a pena pensar nisto. Se a natureza autônoma de cada igreja fosse preservada, a propagação do erro seria quase sempre localizada. Mas quando uma sede denominacional se infecta de um falso ensinamento, cada igreja conectada com ela abraça a mesma falsidade. É assim que a heresia se difunde!

A autonomia de cada igreja dificulta o surgimento de algum falso mestre ambicioso que tome o controle de um grupo de igrejas. Também é virtualmente impossível emergir a “figura de um Papa”. Diferente de uma denominação, onde todas as igrejas relacionadas ficam em pé ou caem.

Não é difícil provar que formar uma denominação é cometer uma heresia. O pecado da heresia [Grego: *hairesis*] consiste em seguir os próprios dogmas. Deste modo, uma pessoa pode ser um herege com respeito à verdade se a usa para fraturar o Corpo de Cristo. As denominações são formadas quando alguns se separam do Corpo de Cristo para seguir suas doutrinas ou práticas favoritas.

Embora a igreja institucional se jacte de estar “coberta” por uma denominação, na realidade nela se permite menos “prestar contas” cara a cara do que nas modernas igrejas moldadas segundo o padrão do primeiro século. Na típica igreja evangélica, se diz que o pastor “cobre” a congregação. Mas na maior parte das igrejas deste tipo, o grosso da congregação mal conhece o pastor! E menos ainda uns aos outros!

Não raramente os “cristãos praticantes” trocam apenas três frases em um típico culto dominical. Mas em uma igreja que segue o modelo do NT, todos os irmãos se conhecem estreitamente, inclusive os obreiros de fora que ajudam a igreja (1 Tes. 5:12a).

Em suma, a “cobertura denominacional” é artificial, e está confinada aos limites seguros de sua própria e inerente superficialidade. Mas o desejo de Deus é que Seu povo encarne os valores da vida e do ensino de Seu Filho em uma comunidade onde possam estar na intimidade, cara a cara. De fato, este desejo constitui o mais precioso em Seu eterno propósito (Efe. 2:18-3:11).

Em suma, a sujeição mútua mantém a igreja como uma comunidade estreitamente unida. A “cobertura” denominacional a converte em uma sociedade hierárquica!

## **Uma Palavra Acerca da Ortodoxia Cristã**

Não há dúvidas de que o mero emprego de estruturas eclesiásticas tradicionais como o sistema do pastor protestante, o sistema sacerdotal do Catolicismo Romano e o sistema denominacional da cristandade, jamais poderá salvaguardar o povo de Deus do erro doutrinário. É grande o número de igrejas independentes que se apartaram da ortodoxia cristã, e muitas denominações guiadas por clérigos seguiram pelo mesmo caminho. A Sociedade da Torre de Vigia [“Testemunhas de Jeová”], e Caminho Internacional, Igreja da Unificação e dos Santos dos Últimos Dias [“Mormons”], são exemplos disso.

Além da mútua sujeição, o ensino cristão histórico com respeito às doutrinas essenciais da fé, exerce um papel crucial guardando a assembléia local no caminho Escritural. Através dos séculos, os cristãos tem preservado as crenças centrais de nossa fé. Estas crenças tem se estruturado na forma de credos, em meio a um sem número de heresias doutriniais.

Credos como o de Niceia, o Credo dos Apóstolos e outros mais, representam a voz unificada da igreja histórica com respeito aos elementos essenciais de nossa fé. Dão testemunho das verdades fundamentais do cristianismo. Por exemplo, que Jesus Cristo é Deus e homem, que nasceu de uma virgem, que foi crucificado por nossos pecados, e que ressuscitou em forma corporal.

Estes credos não pertencem a nenhuma denominação ou tradição eclesiástica em particular. Pelo contrário, são herança de todos os genuínos crentes. Refletem adequadamente a voz da igreja ao longo de sua história. Sem dúvida, a linguagem utilizada nestes credos é arcaica, mas seu *significado* evidencia um sadio ensinamento bíblico.

Em outras palavras, os Credos Ecumênicos encarnam o que C. S. Lewis chamava de *nada mais que cristianismo*, -- “a crença que tem sido comum a quase todos os cristãos em todos os tempos”. (Uma versão mais antiga da mesma idéia foi expressa por Vicent de Lérins com estas palavras: “O Cristianismo é o que tem sido conservado sempre, em todas as partes e por todos”).

Enquanto os credos por si mesmos forem suficientemente persuasivos para não conduzir ao erro doutrinal, eles servem como sinais de alerta sobre desvios do ensino cristão.

Embora os credos não devam ser vistos como declarações teológicas perfeitas, funcionam como diretrizes historicamente comprovadas que orientam nossa fé comum. Os credos não substituem a Escritura, nem estão isentos de serem ampliados ou melhorados. Na medida em que são adequadamente manejados, ajudam a salvaguardar a ortodoxia.

Por conseguinte, os credos históricos são instrumentos úteis que herdamos de nossos antepassados espirituais em sua busca por seguir fielmente a Cristo. É um grave erro depreciar indiscriminadamente sua contribuição simplesmente porque alguns deles participaram da “igreja organizada” de seus dias.

Não devemos esquecer que o mesmo cânon da Escritura que todos temos em tão alta estima foi defendido e formalmente compilado por aqueles que estavam dentro das estruturas eclesiásticas institucionais. Isto não lhes impediu de unir suas vozes com a voz dos apóstolos com respeito aos sagrados oráculos de Deus. Recordemos que o Corpo de Cristo inclui *todos* os Cristãos de qualquer época –sem importar as estruturas eclesiásticas às quais pertenceram.

O chamado a resgatar a ecologia da igreja do NT não inclui uma convocatória para reinventar a roda religiosa em cada tema teológico. Tampouco inclui uma negação a tudo aquilo que foi transmitido por nossos antepassados espirituais.

A melhor coisa a fazer é ficar ao lado de toda voz do passado que permaneceu fiel à revelação apostólica – não importa a que segmento da igreja histórica tenha pertencido. A igreja primitiva estava arraigada no fértil solo da verdade cristã. Permanecer nesse solo requer que estejamos sobre os ombros dos que nos antecederam.

# CAPÍTULO 5

## A AUTORIDADE APOSTÓLICA I

Considerando que uma discussão completa do ministério apostólico está além do alcance deste livro o tratamento que dou ao tema da anatomia da autoridade apostólica me leva a afirmar que os apóstolos ainda existem hoje em dia. Sem dúvida, os doze apóstolos têm um lugar único na obra de Deus. (Luc. 22:30; Ap. 21:14). (Os doze incluem a Matias, que substituiu Judas Iscariotes –Atos 1:26).

No entanto, a Escritura menciona outros apóstolos aparte dos doze. Paulo e Barnabé (Atos 14:4,14; 1 Cor. 9:1-6), Tiago, o irmão do Senhor (Gál. 1:19), Timóteo e Silas (1 Tes. 1:1; 2:6) são somente alguns dos apóstolos que aparecem nas páginas do NT.

O ministério apostólico, portanto, continuou depois da morte dos doze apóstolos originais. Este ministério não desapareceu depois do primeiro século, nem foi transmitido formalmente através de uma hierarquia institucional.

Embora os apóstolos contemporâneos não estejam produzindo Escritura, eles estão comissionados divinamente para edificar o Corpo de Cristo (1 Cor. 12:28-29; Efé. 4:11). A obra principal de um apóstolo é levantar igrejas. Isto não significa que uma igreja não pode nascer sem a mão de um apóstolo. As igrejas de Antioquia da Síria, Cesárea, Tiro e Tolemaida não parecem ter sido fundadas por algum.

Mas todas estas igrejas receberam ajuda de um obreiro apostólico depois de seu nascimento. De fato, *cada* igreja que se menciona no NT foi plantada ou grandemente ajudada por um obreiro apostólico.

Os obreiros apostólicos não estabelecem missões, denominações, grupos de célula, organizações para-eclesiais ou “igrejas” institucionais. Eles plantam somente *ekklesias* que estão cimentadas e sustentadas por Jesus Cristo -- o Arquiteto Principal da igreja (1 Cor. 3:6-15).

Os obreiros apostólicos são irmãos que possuem dons e que estão comissionados especialmente por Deus para realizar este trabalho (Rom. 1:1; 1 Tim. 2:7; 2 Tim. 1:11). Estes são aprovados e enviados à obra pelos crentes, quem lhes conhecem intimamente. Considere Atos 13:1-4:

*Havia na igreja que está em Antioquia, PROFETAS E MESTRES: Bernabé, Simeão (o chamado Negro), Lúcio (de Cirene), Manaém (irmão de criação do rei Herodes, o tetrarca), e Saulo. Estando estes ministrando ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: SEPAREM Bernabé e Saulo para A OBRA para qual os chamei. Então, tendo jejuado e orado, impuseram-lhes as mãos e Os DEIXARAM MARCHAR. Assim, ENVIADOS PELO SANTO ESPÍRITO, eles desceram para a Selêucia, e dali navegaram para Chipre.*

A comissão de um obreiro apostólico é *pessoal*, mas o ser enviado é *corporativo*. Um obreiro apostólico é, em geral, um mestre, profeta ou evangelista que foi chamado diretamente por Deus a uma obra regional. Também é enviado publicamente por um grupo de crentes locais.

É esta comissão interna e separação externa que constitui um obreiro apostólico. Os obreiros também podem ser enviados por um obreiro de mais idade que os aconselha –1 Cor. 4:17; 2 Cor. 8:16-23; 12:18; Efé. 6:21-22; Filemon 4:7-8; 1 Tes. 3:1-2; 2 Tim. 4:12; Tito 3:12-13).

De modo significativo, a palavra grega *apóstolos*, que se traduz “apóstolos”, literalmente significa alguém que é enviado. Portanto, o NT não diz absolutamente nada a respeito de um apóstolo que se nomeia ou envia a si mesmo.

Os obreiros apostólicos, no sentido Neotestamentário, são os que são *enviados*. Constituem um grupo de gente itinerante e móvel, que avalia a cultura, proclama o evangelho, planta e nutre *ekklesias*. Como realizam estas tarefas e quanta autoridade possuem são temas que consideraremos neste capítulo.

### A Questão da Cobertura Apostólica

A noção da “cobertura apostólica” é semelhante à da “cobertura denominacional”, mas com um matiz próprio. Dito ensino sustenta que uma igreja está protegida do erro doutrinal se se submete a um apóstolo contemporâneo (= alguém que planta igrejas). Isto se baseia na idéia de que os obreiros apostólicos têm autoridade oficial para controlar e dirigir os assuntos de uma igreja.

A Bíblia, no entanto, opõe-se a esta idéia. Em nenhuma parte do NT encontramos que um apóstolo tenha assumido a plena responsabilidade de uma igreja local existente. Ou seja, uma vez estabelecidas, os apóstolos do NT reconheciam e respeitavam a autonomia espiritual de cada igreja.

É verdade que a igreja estava nas mãos do obreiro durante o tempo em que punha o fundamento, mas a responsabilidade ficava nas mãos da igreja quando este seguia em frente. E *sempre* seguia em frente!

No começo da vida de uma igreja, o ônus da supervisão pertence ao obreiro apostólico. Esta passa depois aos anciãos, uma vez que eles emergem. Os obreiros apostólicos são responsáveis por seus próprios ministérios regionais. A igreja é responsável por seus próprios assuntos locais.

Uma vez mais, quando um obreiro apostólico dá nascimento a uma igreja, esta está em suas mãos. Este período se assemelha a uma fase de encubação. O obreiro passa algum tempo ministrando Cristo aos santos e equipando-lhes para o ministério. Foi por esta razão que Paulo alugou uma casa para realizar reuniões apostólicas junto com as reuniões da igreja (Atos 28:30-31).

Fez algo similar quando estive em Éfeso. Levava a cabo reuniões apostólicas na escola de Tirano enquanto os crentes locais se reuniam nas casas (Atos 19:9; 20:20; 1Cor. 16:19). Estas reuniões apostólicas eram reuniões da obra. Foram planejadas para equipar aos santos para que funcionassem na igreja.

Mas uma vez que o obreiro punha o fundamento e deixava os santos por sua conta, delegava toda a supervisão e a responsabilidade aos crentes locais. Desta maneira os apóstolos do primeiro século nunca se estabeleciam numa igreja para controlar seus assuntos. Sempre marchavam.

Ainda que Paulo algumas vezes passasse um longo período de tempo plantando uma igreja (em Corinto 18 meses e em Éfeso 3 anos), uma vez que o fundamento estava estabelecido, sempre deixava a estas igrejas por sua conta. Depois de sua partida, não se intrometia nos assuntos da igreja.

Da mesma maneira, a Antioquia serviu a Paulo como base de operações para suas duas primeiras viagens apostólicas. No entanto, não exerceu nenhum domínio sobre os assuntos desta igreja enquanto esteve ali. Em Antioquia, Paulo era simplesmente um irmão respeitado. Não era um apóstolo para essa igreja.

Isto explica por que o NT menciona os anciãos de Éfeso, os anciãos de Jerusalém, os supervisores de Filipos, etc., mas nunca menciona os apóstolos desses lugares. Embora os doze residissem em Jerusalém como base de operações para seu ministério durante a época inicial da existência da igreja, o NT jamais os chama de “apóstolos de Jerusalém”. No entanto, o ministério dos obreiros apostólicos complementa o ministério das igrejas.

O ministério apostólico, ou “a obra” (*érgon*) como a Bíblia o chama (Atos 13:2; 14:26; 15:38), existe como uma entidade separada das igrejas. A obra é regional. As igrejas são locais. A obra era transitória. As igrejas estão estabelecidas. A obra é uma *associação* itinerante. As igrejas são *comunidades* residentes. Os obreiros apostólicos são viajantes e não colonizadores. São pioneiros, gente que sempre está em movimento.

Um estudo cuidadoso das viagens apostólicas de Paulo revela o fato surpreendente de que em geral, passava muito pouco tempo com as igrejas que plantava. Como era seu costume, Paulo passava vários meses estabelecendo a base de uma comunidade de crentes, só para deixá-la por sua conta por longos períodos de tempo. Sempre estava disposto a dar-lhes conselho (1 Cor. 7:1). Também lhes visitava periodicamente para comprovar seu progresso e fortalecê-las (Atos 15:36; 18:23; 2 Cor. 12:14; 13:1), mas não se encarregava de seus assuntos.

A prática de deixar as igrejas em sua infância nos deixa ver o fato surpreendente de que Paulo cria que a igreja era um organismo vivente capaz de desenvolver-se por si mesmo, pelo poder da vida de Deus. Sabia que quando deixava uma igreja, o Espírito ficava com ela.

Ao mesmo tempo, as igrejas que Paulo plantava recebiam ajuda de outras igrejas (Atos 16:2; 1 Tes. 1:7-8). Também estavam em contato constante com ele. De fato, ainda depois de doze anos, a igreja em Filipos ainda precisava do ministério espiritual de seu apóstolo fundador (Fil. 1:23-27).

É absolutamente essencial que as modernas igrejas caseiras recebam o ministério dos obreiros apostólicos para que lhes ajudem. Quando uma igreja não abre suas portas para obter ajuda exterior e se julga a si mesma “auto-suficiente” *por completo*, sofrerá uma tremenda perda. As igrejas caseiras não devem isolar-se e converter-se em ilhotas que vivem para si mesmas. Fazer isto é cometer um suicídio espiritual (veja meu livro *Iniciando uma Igreja Caseira* para mais detalhes).

A obra existe a favor das igrejas -- não para seu próprio benefício. De fato, a obra produz igrejas. Ao mesmo tempo, as igrejas produzem obreiros. (No século I, cada apóstolo, *em primeiro lugar*, era um irmão digno de confiança e bem conhecido na igreja, antes de ser enviado). A obra nunca deve rivalizar, substituir ou eclipsar a igreja porque a meta da obra é estabelecer e fortalecer as igrejas

Numa palavra os apóstolos são responsáveis por plantar e nutrir as igrejas em muitos lugares diferentes. Os apóstolos genuínos nunca se estabelecem permanentemente nas igrejas que plantam, nem assumem autoridade exclusiva sobre elas. A este respeito, o papel pastoral moderno é uma versão deformada de um apóstolo *estacionário*. Semelhante criatura é uma contradição Bíblica.

## A AUTORIDADE APOSTÓLICA II

### Plantadores de Igrejas ou Suplantadores de Igrejas

Os apóstolos foram servos valiosos para as primeiras igrejas, nunca usurpadores (1 Cor. 4:1). Não se conduziam como presidentes executivos ou chefes distantes acima das assembleias.

Em outras palavras, os apóstolos do século primeiro eram *plantadores* -- não *suplantadores* de igrejas. Eram assistentes, e não aristocratas espirituais. Eram servos, não déspotas eclesiásticos. Eram instaladores de alicerces, não celebridades de altos vãos. Os apóstolos do primeiro século instruam e persuadiam às igrejas, jamais as controlavam.

Enquanto hoje em dia alguns rodeiam de glamour a vocação apostólica, Paulo considerava os apóstolos como “*nescios. . . débeis. . . sem honra. . . escória do mundo. . . desperdício*” (1 Cor. 4:9-13). Os verdadeiros obreiros, portanto, não procuram glória. Não tratam de impressionar o povo (2 Cor. 11:5-6; 1 Tes. 2:5-6). Não procuram ganhos financeiros (2 Cor. 2:17; 11:9), nem dominar as vidas dos demais (2 Cor. 1:24).

Os verdadeiros obreiros não ostentam credenciais impressionantes (2 Cor. 3:1-3). Não afirmam possuir uma herança superior (2 Cor. 11:21-22), nem se jactam de experiências espirituais extraordinárias (2 Cor. 10:12-15; 11:16-19; 12:1,12).

Para Paulo, os obreiros apostólicos não são elitistas espirituais que proclamam ou promovem a si mesmos. Pelo contrário, são os que tiram com pá o esterco depois que termina o desfile! São os que derramam seu sangue pelas igrejas. Como todo líder verdadeiro, os obreiros apostólicos sempre são encontrados servindo discretamente a cada um e a todos que estão em necessidade.

Apossar-se do poder e exercer a própria autoridade sobre os demais não é apostolado. É nada mais que um reflexo rançoso de outra versão da opressão. Os verdadeiros obreiros são antes de mais nada servos.

A marca de um verdadeiro obreiro apostólico é simplesmente esta: planta *ekklesias*, segundo o NT, que sobrevivem em sua ausência (1 Cor. 9:2; 2 Cor. 3:1-2). Tudo isto coincide com a prática de Paulo -- cujo ministério apostólico recebe enorme atenção no NT.

Em vez de utilizar metáforas imperiais, Paulo toma metáforas da família para descrever a relação que tinha com as igrejas que servia. Para as igrejas, Paulo não é um senhor, amo ou rei. Ele é como um pai, uma mãe e um servo (1 Cor. 3:2; 4:14-15; 2 Cor. 12:14; Gál. 4:19; 1 Tes. 2:7,11).

Assim mesmo, as alusões persuasivas que impregnam suas cartas, mostram que tratava as igrejas como um pai faria com seus filhos *adultos*, e não como a meninos pequenos. Como pai, dava sua opinião a respeito dos assuntos da igreja, mas não emitia decretos unilaterais.

A carta de 1 Coríntios é um claro exemplo desta orientação. Atinge seu ponto crítico quando Paulo oferece seu conselho com respeito a como tratar a um irmão que tinha cometido incesto. Convoca a toda a igreja para que o discipline (1 Cor. 5:1-13).

Efetivamente, as igrejas que plantou, progressivamente deixaram de depender dele e cresceram em sua dependência de Cristo (1 Cor. 2:1-5). Paulo lhes exortava a andar por este caminho (1 Cor. 14:20; Efé. 4:14).

### O Método Paulino de Plantar e Nutrir Igrejas

Uma das características mais dinâmicas do método de Paulo de plantar igrejas era sua constante sujeição aos demais Cristãos. Desde o começo de sua conversão aprendeu a depender da provisão espiritual de seus irmãos. Sua primeira lição de sujeição ao Corpo, veio de Ananias. Ananias foi o irmão de cujas mãos recebeu o Espírito e uma confirmação de seu chamado (Atos 9:17-19; 22:12-16).

Posteriormente, foi enviado pelos crentes de Beréia (Atos 17:14). Foi fortalecido por seus colaboradores em Corinto (Atos 18:5), refreado pelos santos de Éfeso (Atos 19:30), e também foi



aconselhado pelos irmãos de Jerusalém (Atos 21:23). Numa palavra Paulo sabia como enriquecer seu espírito e receber ajuda dos demais (Rom. 15:32; 1 Cor. 16:18; Fil. 2:19; 2 Tim. 1:16).

Embora certamente provido de uma madura história espiritual e de muitos dons poderosos, Paulo entendia sua autoridade como funcional e relacional -- não oficial ou sacralizada. Para o apóstolo, a autoridade espiritual estava cimentada na aprovação do Senhor, e não em algum ofício formal (2 Cor. 10:18).

Isto explica por que Paulo sempre procurava *persuadir* às igrejas com respeito à mente de Deus, em vez de promulgar mandamentos imperiais. De fato, as duas palavras favoritas de Paulo para dirigir-se aos santos são *parakalein* e *erotao*. *Parakalein* denota uma súplica. *Erotao* significa uma petição feita entre iguais.

No mesmo sentido, Paulo se abstinha de usar o muito forte vocábulo *epitagi* (= mandamento) para ordenar que se lhe obedecesse. Consideremos os textos seguintes:

*Digo isto como concessão, NÃO COMO MANDATO. (1 Cor. 7:6)*

*A respeito das donzelas NÃO TENHO MANDAMENTO DO SENHOR, MAS DOU MINHA OPINIÃO como quem atingiu misericórdia do Senhor para ser fiel. (1 Cor. 7:25)*

*NÃO O DIGO COMO MANDAMENTO, senão para provar também, por meio da solicitação de outros, vosso amor genuíno. (2 Cor. 8:8)*

*Pelo qual, embora tenha muita franqueza em Cristo para mandar-te o que é apropriado, PREFIRO TE ROGAR POR CAUSA DO AMOR. (Filemon 8-9)*

Quando Paulo chamou aos crentes à ação ou a que tivessem a atitude adequada, preferiu “rogar”, “suplicar”, “rogar com insistência”, “implorar” e “pedir” em vez de promulgar decretos autoritários. As epístolas de Paulo estão salpicadas deste tipo de tom cooperativo (veja Rom. 12:1; 15:30; 16:1-2,17; 1 Cor. 1:10; 4:16; 16:12,15; 2 Cor. 2:8; 5:20; 6:1; 8:6; 9:5; 10:1-2; 12:18; Gál. 4:12; Efé. 3:13; 4:1; Fil. 4:2-3; 1 Tes. 2:3,12; 4:1,10; 5:12,14; 2 Tes. 2:1; 3:14-15; 1 Tim. 1:3; 2:1; Filme. 9-10, 14).

Para Paulo, o consentimento voluntário de sua audiência e a internalização da verdade era bem mais desejável que uma obediência nominal às coisas que escreveu. Às vezes, quando seu tom era necessariamente severo, exortava e recomendava que os santos obedecessem a Cristo, e não a ele (Rom. 1:5; 16:19,26; 2 Cor. 2:9; Fil. 2:12).

Em raras ocasiões mandava (*paraggello*) que se obedecesse às coisas que tinha escrito (1 Tes. 4:11; 2 Tes. 3:4,6,10,14). Mas o objeto da obediência não era Paulo como pessoa, senão Cristo, cujo pensamento estava expressando naquele momento

Dito de outra maneira, cada vez que Paulo manifestava a mente de Cristo, suas palavras eram *autoritativas*, conquanto ele nunca se mostrou *autoritário*. Considere os seguintes textos:

*Eu sei, e fui persuadido PELO SENHOR JESUS, de que nada é imundo em si mesmo. . (Rom. 14.14)*

*E aos que se casaram, ordeno, NÃO EU, SENÃO O SENHOR. . . . (1 Cor. 7:10)*

*Se alguém supõe que é profeta ou espiritual, reconheça o que escrevo, PORQUE É MANDAMENTO DO SENHOR. (1 Cor. 14:37)*

*Porque não somos como muitos que negociam por lucro com a Palavra de Deus, senão com sinceridade, pelo contrário, DA PARTE DE DEUS, NA PRESENÇA DE DEUS, FALAMOS EM CRISTO. (2 Cor. 2:17)*

*PORQUE NÃO PREGAMOS A NÓS MESMOS, SENÃO A JESUS CRISTO COMO SENHOR; e a nós mesmos como servos vossos por causa de Jesus. (2 Cor. 4:5)*

*Todo este tempo pensais que fazemos nossa defesa ante vocês. DIANTE DE DEUS FALAMOS EM CRISTO; E TUDO, AMADOS, PARA VOSSA EDIFICAÇÃO. (2 Cor. 12:19)*

*Já que procurais UMA EVIDÊNCIA DAQUELE QUE FALA POR MIM, DO CRISTO, o qual não é débil com respeito a vocês, senão poderoso em vocês e certamente foi crucificado por causa da debilidade, mas vive pelo poder de Deus. Em verdade, também nós somos débeis nele, mas VIVEREMOS COM ELE PELO PODER DE DEUS PARA COM VOCÊS (2 Cor. 13:3-4)*

*E por isto, também nós damos graças a Deus sempre, de que tendo recebido a palavra da pregação de Deus, acolheste-la NÃO COMO PALAVRA DE HOMENS, MAS TAL COMO É EM VERDADE, PALAVRA DE DEUS. . . . (1 Tes. 2:13)*

*Porque sabeis que mandatos vos demos EM NOME DO SENHOR JESUS. (1 Tes. 4:2)*

*Porque isto vos dizemos PELA PALAVRA DO SENHOR. . . . (1 Tes. 4:15)*

*A QUAL agora ordenamos e exortamos NO SENHOR JESUCRISTO . . . (2 Tes. 3.12)*

Assim, pois, Paulo não era uma personalidade autoritária, nem trabalhava por sua conta. De sua própria boca deixou bem claro que não considerava seu chamado apostólico como uma licença para exercer domínio sobre os assuntos das igrejas. Nunca tirou vantagem de seu direito como apóstolo obtendo ajuda econômica dos que servia (1 Cor. 9:1-19).

De fato, seu princípio inalterável era não aceitar dinheiro das igrejas que auxiliava. Somente aceitava ajuda financeira de crentes de outras localidades, para não ser um ônus aos que eram os recipientes de sua ajuda imediata (2 Cor. 11:7-9).

Efetivamente, todo panorama da autoridade apostólica de Paulo se cristaliza nesta máxima “*Não que pretendamos dominar sobre vossa fé, mas contribuimos para vosso gozo... (2 Cor. 1:24 BJ)*. Eugene Peterson parafraseia esta passagem da seguinte maneira: *Não estamos a cargo de supervisionar como vivem vocês a fé, vigiando acima de seus ombros, receiosamente críticos. Somos colegas seus que trabalhamos a seu lado em prazerosa expectativa. Eu sei que vocês estão sustentados por sua própria fé, não pela nossa*”.

Neste sentido Paulo diferia imensamente de seus adversários (2 Cor. 11:19-21).

## A AUTORIDADE APOSTÓLICA III

### A Fonte da Autoridade de Paulo

A autoridade que Paulo estava unida à sua capacidade de falar a palavra do Senhor às comunidades que fundava; era uma autoridade dada "para edificação e não para destruição" (2 Cor. 10:8; 13:10). Portanto, sempre exercia autoridade com o único propósito para a qual lhe foi dada -- para edificar aos santos. Nunca abusou dela para obter um lugar proeminente, poder terrenal ou vantagem material.

Paulo reconhecia que a fonte de sua autoridade era o próprio Cristo, tal e como está encarnado no evangelho. Isto explica por que firmemente convidava aos santos a que julgassem o que dizia (1 Cor. 10:15; 11:13; 1 Tes. 5:21) e lhes instava a recusar sua mensagem se não estivesse de acordo com o evangelho (Gál. 1:8-9).

Da mesma maneira, todos os autores do NT exortam firmemente às igrejas a que obedeçam a verdade viva do Evangelho tal e qual se encontra em Jesus Cristo. Não devemos obedecer cegamente as palavras de simples homens (Rom. 6:17; 10:16; Gál. 3:1; 5:7; Tito 1:14).

Paulo esperava que as igrejas lhe escutassem na medida em que suas palavras refletissem o evangelho de Cristo (Gál. 1:9) e estivessem em harmonia com o Espírito (1 Cor. 7:40). Sem dúvida, Paulo se viu obrigado a censurar às igrejas de vez em quando. Mas sempre achava difícil tomar esta decisão.

Sua reticência em advertí-los aparece em sua correspondência aos Coríntios. Ali descobrimos que preferia ir a eles com um espírito apazível do que com uma palavra de repreensão (1 Cor. 4:21b). No entanto, quando tinha que se dirigir severamente a eles, fazia-o com muita angústia de coração (2 Cor. 2:4). (A propósito, a "vara" de Paulo em 1 Cor. 4:21 é uma metáfora de reprovação e não um sinal de subordinação forçada ou de autoridade unilateral - 2 Cor. 10:3-6).

O amor que Paulo tinha pelos Coríntios transbordava em tal compaixão paternal que depois de escrever-lhes, temia que suas palavras fossem demasiado fortes para serem suportadas (2 Cor. 7:8). A forte motivação que levava Paulo a trabalhar incansavelmente e a sofrer pelas igrejas era o amor incomparável que tinha por suas almas (2 Cor. 12:15; Fil. 2:17-21; Col. 1:24; 1 Tes. 2:8).

Já que Paulo falava constantemente a palavra do Senhor, podia dizer que os que recusavam suas palavras não lhe recusavam a ele, senão a Cristo (1 Tes. 4:8), porque para o apóstolo, "Deus vos dá seu Espírito Santo" (1 Tes. 4:8b). No entanto, ainda naqueles dias em que a palavra do Senhor estava em sua boca, desejava que os crentes reconhecessem que o que lhes comunicava era o pensamento do Senhor e não o seu próprio (1 Cor. 14:37-38).

Não cabe a menor dúvida de que Paulo apontava seu serviço fiel como base para a confiança dos santos (1 Cor. 4:1-5; 7:25; 15:10; 2 Cor. 1:12; 4:1-2). Mesmo assim, Paulo parecia estar mais interessado em fazer com que seus conversos imitassem seu caminhar do que obedecessem suas palavras (1 Cor. 4:16; Gál. 4:12; Fil. 3:17; 4:9; 2 Tes. 3:7). A razão pela qual podia apresentar-se como modelo para que os demais o seguissem era que sua vida era um reflexo da de seu Senhor (Atos 20:34-35; 1 Cor. 11:1).

Todos estes fatos nos permitem afirmar que a *fonte* da autoridade espiritual é Cristo. O *meio* da autoridade espiritual é a palavra de Deus. O *exercício* da autoridade espiritual é a humildade e o serviço, e a *meta* da autoridade espiritual é a edificação espiritual.

Na mente de Deus, a autoridade e o espírito da cruz andam de mãos dadas, e este princípio é evidente em todo o ministério apostólico de Paulo.

Deve entender-se que os documentos canônicos (bíblicos) que Paulo e os demais apóstolos escreveram são inspirados e plenos de autoridade por direito próprio. Estes encarnam a voz de Deus na Santa Escritura. No entanto, neste capítulo, examinamos seus escritos focando a relação que há entre obreiro e igreja. Quando consideramos as cartas de Paulo através destas lentes, descobrimos que ele não foi autoritário.

## **Os Demais Apóstolos Também Não Foram Autoritários**

Consideremos agora como outros apóstolos do século primeiro viram a autoridade espiritual. Timóteo, como Paulo, não foi autoritário. Paulo nunca autorizou a seu jovem colaborador Timóteo para que exercesse poder formal sobre os santos. Mais bem o animou a "exortar" aos santos com mansidão. Também o instruiu para que cultivasse relações de tipo familiar com a igreja (1 Tim 5:1-2; 2 Tim.2:24-25; 4:2).

Em certo lugar, Paulo o adentra com estas palavras: "Estas coisas tens que mandar (*paraggello*) e ensinar" (1 Tim. 4:11 VP). Mas as *coisas* que Paulo exorta a Timóteo a que "mande" são as palavras do Espírito (4:1) que fazem parte da sã doutrina (4:6). Como Paulo, Timóteo trabalhou *com* as pessoas, não *sobre* elas.

O conselho que Paulo dá a Tito é similar. Em Tito 2:15 a recomendação de Paulo para que "ensinasse, exortasse e instasse *estas coisas* com toda autoridade (*epitagi*)" deve entender-se no pano de fundo de seu mandato anterior. Esse mandato era: "Mas tu fala o que convêm à sã doutrina" (Tito 2:1). Em outras palavras, Tito era livre de falar com autoridade, repreender e exortar com respeito àquelas coisas que refletem o são ensino de Jesus Cristo. (Porque a autoridade está investida deste último).

As cartas de João respiram o mesmo ar não autoritário. Do mesmo modo que Paulo, João não se intrometeu nos assuntos da igreja, nem reclamou qualquer direito para governar aos santos. Quando Diótrefes usurpou a autoridade numa igreja, João não o obrigou a sair dela. Antes, animou os santos a não seguir os que praticam o mau (3 Jn. 9-11).

João reconhece que não tem mandamento novo para dar (1 Jn. 2:7; 2 Jn. 5-6). Pelo contrário, assinala o novo mandamento de Cristo - que é o amor. Em tudo isto vemos que a perspectiva de João a respeito da autoridade é bem Paulina.

Uma vez mais, a inevitável conclusão de tudo isto é que os obreiros apostólicos não têm autoridade oficial sobre as igrejas. Não assumem posse formal das igrejas, nem as convertem em franquias (ou denominações virtuais) de seus próprios ministérios especiais.

Os obreiros apostólicos, se autênticos, utilizam seus ministérios para servir às igrejas. Não usam as igrejas para construir seus ministérios!

O ministério do apóstolo do primeiro século, então, era um serviço e não uma expressão de domínio. É por esta razão que Paulo se refere às igrejas que plantava em termos explicitamente não hierárquicos. Chamava-lhes "irmãos" e "partícipes" no ministério (2 Cor.5:20-6:1; 7:3; Fil. 1:5,7; 2:17). Quando se dirigia a eles, não lhes falava como se estivesse acima deles -- mas como a um igual. (1 Cor. 5:2-3; Col. 2:5).

Deste modo, os apóstolos do NT não controlavam às igrejas, nem as igrejas controlavam aos apóstolos. As palavras de Paulo em Gálatas 4:12 captam o espírito de sua mentalidade cooperativa e relacional: "*Fazei-vos como eu, pois eu também me fiz como vocês*" (BA).

## **A Confiança de Paulo nas Igrejas**

Diferentemente do clero moderno, Paulo tinha grande confiança nas igrejas que plantava. Estava seguro de que as comunidades crentes obedeceriam a Deus. Também tinha confiança em que funcionariam adequadamente em sua ausência. Considere os seguintes textos:

*Eu tenho CONFIANÇA COM RESPEITO A VOCÊS NO SENHOR de que não optareis por outro ponto de vista. (Gál. 5:10, BA)*

*CONFIAMOS NO SENHOR A RESPEITO DE VOCÊS, de que fazeis e fareis o que mandamos. (2 Tes. 3:4)*

*CONFIADO EM TODOS VOCÊS de que meu regozijo é o de todos vocês. (2 Cor. 2:3)*

*Me regozijo DE QUE EM TUDO POSSO CONFIAR EM VOCÊS. (2 Cor. 7:16)*

*E enviamos com eles nosso irmão, ao qual muitas vezes provamos em muitas coisas, que é diligente; mas agora bem mais diligente que nunca, PELA MUITA CONFIANÇA EM VOCÊS. (2 Cor. 8:22)*

*Mas, irmãos meus, EU MESMO FUI PERSUADIDO A RESPEITO DE VOCÊS, DE QUE TAMBÉM VÓS estais cheios de bondade, cheios de todo conhecimento, sendo também capazes de admoestar-vos uns aos outros. (Rom. 15:14)*

*PERSUADIDO DE TUA OBEDIÊNCIA te escrevi, sabendo que também farás mais do que digo. (Filme. 21)*

*ESTANDO PERSUADIDO DISTO o que começou em vocês a boa obra, a levará a cabo até o dia de Cristo Jesus. (Fil. 1:6)*

*Mas QUANTO A VOCÊS, amados, ainda que falemos assim, FOMOS PERSUADIDOS DE COISAS MELHORES, e que têm salvação. (Heb. 6:9)*

Ainda no meio das reuniões caóticas em Corinto, Paulo nem uma só vez tratou de estrangular as reuniões abertas e participativas da igreja, nem proibiu os irmãos de exercitarem seus dons. Pelo contrário, deu-lhes amplas diretrizes para facilitar a ordem em suas reuniões, e confiava que eles as implementariam (1 Cor. 14:1ss.).

Diferentemente dos modernos líderes clericais que crêem que não podem "permitir" que os irmãos (em suas congregações) funcionem livremente na medida de seus dons para que não "se saiam de controle", o pensamento de Paulo segue numa direção radicalmente diferente.

Primeiro, Paulo não vê a si mesmo com o direito de "proibir" ou "permitir" que o povo de Deus funcione na igreja. Nenhum homem tem este direito!

Segundo, Paulo tinha uma confiança total em seu ministério. Tão grande que confiava em que as igrejas podiam ter reuniões participativas abertas sem *nenhuma* atividade humana de caráter oficial, incluindo a sua! Paulo edificou bem. Trabalhou equipando aos santos para que funcionassem em sua ausência.

Em marcante contraste, quando os modernos líderes clericais expressam sua falta de confiança no povo de Deus para ministrar eficazmente numa reunião aberta da igreja, estão reprovando seus próprios ministérios! Porque nada pode provar melhor a qualidade do equipamento dos santos, que quando têm que ministrar-se uns aos outros numa reunião participativa aberta.

Quando vemos o panorama Cristão desde esta perspectiva, pode-se dizer que os crentes jamais poderão estar verdadeiramente equipados pregando-lhes sermões de 45 minutos cada Domingo! Escutar sermões enquanto se congela nos bancos, longe de gerar desenvolvimento espiritual, dá lugar a um sacerdócio apagado e silente. (Para maiores detalhes a respeito da reunião de uma igreja no primeiro século, veja *Repensando os Odres*).

## **A Relação de Paulo Com Seus Colaboradores**

Passemos agora a considerar a relação que Paulo tinha com seus colaboradores. Como tratava Paulo aos irmãos que eram parte de sua equipe apostólica?

A autoridade Divina se expressava dentro da esfera da obra apostólica e Paulo era indubitavelmente o centro de seu grupo. (Note que Paulo e os outros obreiros não andavam cada um por sua conta. Sempre se moviam em associação com um círculo de colaboradores. Isto jamais ocorre com os "apóstolos" auto designados de nossos dias).

É evidente que Paulo assumiu a responsabilidade da direção da obra e não tinha problemas para administrar os movimentos de seus colaboradores (Atos 16:1-4, 9-10; 17:15; 19:21-22; 20:3-5,13-15; 1 Cor. 4:17; 2 Cor. 8:18-23; Fil. 2:19,23,25,28; Éfe. 6:21-22; Fil. 2:19,23,25,28; Col. 4:8-9; 2 Tim. 4:9-13, 20-22; Tito 1:5; 3:12-13). No entanto, entre seus colegas não operava um sistema hierárquico fixo. Paulo não era presidente nem diretor em chefe da obra!

Por esta razão, nunca vemos a Paulo exigir obediência cega de seus colaboradores. Como ocorria com as igrejas, procurava o consentimento voluntário de seus colegas sempre que solicitava algo deles (1 Cor. 16:10-12; 2 Cor. 8:6,16-18; 9:5; 12:18; Fil. 2:22-23).

As vezes, o próprio Paulo se sujeitava aos desejos de seus colegas obreiros (1 Cor. 16:12), e lhes permitia dissentir dele (Atos 15:36-41). O envio de Tito que se menciona em 2 Coríntios 8:17 sublinha a relação participativa que Paulo tinha com seus colaboradores: "*De fato, quando acedeu [Tito] a nossa petição de ir vê-los, fê-lo com muito entusiasmo e por sua própria vontade*".

Paulo tomou a direção na esfera de sua obra apostólica não porque tinha uma posição mais alta na pirâmide eclesiástica, senão pela simples razão de que era espiritualmente mais maduro do que seus colaboradores. Não foi autoritarismo, mas cooperação o que caracterizou o trato de Paulo com eles.

Já que Paulo exercia autoridade espiritual na obra, a sujeição em seu círculo era voluntária e pessoal, nunca formal ou oficial. É surpreendente que Paulo não considerava que os doze apóstolos originais tinham qualquer tipo de autoridade hierárquica sobre ele. Também não mostrou qualquer deferência para o status "apostólico" (Gál. 2:6-9). Recordemos que numa ocasião repreendeu em público a um dos apóstolos mais proeminentes quando uma verdade essencial estava em jogo (Gál. 2:11-21).

### **Os Apóstolos Dependiam do Corpo**

A noção que sustenta que os obreiros apostólicos tinham autoridade de governo sobre as igrejas locais é inadmissível. O mesmo ocorre com a idéia de que alguns obreiros tinham autoridade oficial sobre outros obreiros. Estas idéias são uma invenção da mente natural e estão em desacordo com a prática concreta de Paulo.

Os obreiros apostólicos, bem como os outros ministérios no Corpo de Cristo, dependem *do Corpo* para que recebam a plenitude de Cristo. Isto é evidente a partir das palavras de abertura da carta aos Romanos. Paulo afirma ali que estava desejoso não apenas de abençoar-lhes por meio dos dons que tinha (1:11), como também de receber ajuda deles através dos dons que possuíam (1:12; 15:32).

Faremos bem em recordar que Deus sempre condenou a independência e o individualismo. A dependência em Deus não nos faz independentes a uns de outros. O Senhor nunca permitiu a Seu povo que "cada um faça o que melhor lhe parece" (Deut. 12:8), porque "o que vive apartado *procura seu capricho*; enfada-se por qualquer conselho" (Prov. 18:1 BJ).

Deus, portanto, não tem confinado a nenhum de nós, incluindo aos obreiros, no pequeno cubículo de nossa própria existência onde podemos escolher nosso próprio caminho. Os que imaginam que sua relação com o Senhor é completamente vertical ("eu e Jesus e mais ninguém") estão enganados e cumprem as palavras da Escritura: "*O caminho do néscio é direito em sua opinião; mas o que obedece ao conselho é sábio*" (Prov. 12:15 RVR-1960).

Não importa quão espiritual seja um crente, ele não está isento da necessidade do fornecimento de seus irmãos e irmãs em Cristo. Até mesmo o poderoso Moisés precisou da ajuda de Arão e de Hur para fortalecer seus braços nos maus dias (Êxo. 17:10-13).

Tudo o que dissemos aqui não equivale a negar o fato de que os obreiros apostólicos possuem autoridade espiritual, porque a têm. Mas uma vez mais, a autoridade espiritual é algo muito diferente da autoridade posicional/hierárquica.

No Senhor há autoridade, mas esta está vinculada à função, e não ao ofício. Há uma tremenda diferença entre reagir à função e reagir ao ofício. O ofício separa aos irmãos mas a função conferida pelo Espírito, os edifica e une.

Como vimos, as cartas de Paulo mostram uma mentalidade não autoritária, e estão saturadas de um tom cooperativo. Tristemente, muitos Cristãos modernos abordam o NT com a idéia preconcebida de que os apóstolos têm uma tremenda autoridade delegada, e ignoram o sentido não autoritário que flui livremente da pena de Paulo. Por esta razão, a noção popular de nossos dias a respeito da autoridade apostólica, indiscutivelmente não é Paulina.

### **O Ministério Apostólico Hoje**

Não escasseiam os "apóstolos" auto denominados e auto proclamados pós-paulinos que correm de um lado para outro na igreja de hoje. Estes promulgam decretos autoritários, reclamam seguidores e constroem impérios Cristãos. Como resultado, muitos Cristãos perspicazes concluíram que os apóstolos já não existem mais.

É notório, no entanto, que Deus *levantou* genuínos obreiros apostólicos neste século. Estes são os que caminharam -- e *estão caminhando* -- no espírito de Paulo. Como sucede com Paulo, estes obreiros não estão interessados em construir impérios Cristãos nem em iniciar movimentos. Também não ambicionam atingir um status de celebridade (1 Cor. 1:13; 3:7,21).

Ao que se parece, pois, um obreiro apostólico contemporâneo? Se tu fazes parte da cena da igreja institucional, provavelmente nunca viste um. Sim, sem dúvida, viste os que afirmam ser apóstolos. Pelo menos, ouviste homens que enfeitam outros com a palavra "apóstolo". No entanto, estes com frequência carecem das atribuições de um verdadeiro obreiro.

Os verdadeiros obreiros são os que se *ocultam* a si mesmos e não os que *procuram aparecer*. Sua obra em grande parte não se vê. Seu serviço passa freqüentemente despercebido. Os obreiros verdadeiros não edificam denominações, programas, missões, edifícios ou organizações para-eclesiásticas! Eles edificam exclusivamente a *ekklesia* de Jesus Cristo! (Note que Deus usa ao humilde de coração para construir Sua casa -Isa. 66:1-2).

E além disso não andam anunciando que são apóstolos! De fato, é muito provável que nem sequer lhes agrade este termo. E já que não fazem parte do espetáculo espiritual, não os encontrarás figurando em alguma igreja organizada ou movimento. Também não os verás (normalmente) nos tablóides Cristãos.

Sendo menores em número do que os extravagantes e atraentes "super apóstolos" de nosso tempo, os verdadeiros obreiros penetram cada vez mais profundamente no eterno propósito de Deus em Cristo. Isto se deve ao fato de que estão edificando *Sua* igreja à *Sua* maneira.

Tudo isto se traduz na seguinte fórmula simples: Os Cristãos modernos devem ser *sabedores* de sua necessidade do ministério apostólico, *generosos* no sustento dos obreiros apostólicos e, no entanto, *cautelosos* com respeito aos que reclamam possuir status apostólico.

## RESUMO E CONCLUSÃO

Quando nosso Senhor estava na terra, os líderes religiosos de Seu tempo o acoessaram com a polêmica pergunta: “*Com que classe de autoridade fazes estas coisas? E quem te deu esta autoridade?*” (Mat. 21:23).

Ironicamente, não poucos da classe dirigente religiosa de nossos dias estão fazendo a mesma pergunta aos singelos grupos que se reúnem em torno de Cristo nada mais -- sem controle clerical ou facção denominacional.

”Quem é tua cobertura?” é essencialmente a mesma pergunta que “Com que autoridade fazes isto?”.

Como mostrei, esta pergunta tem sua origem numa falsa interpretação da Escritura. No fundo, a noção moderna de “cobertura” eclesiástica é um eufemismo mal dissimulado de “controle”. Por esta razão, é uma pobre representação da idéia de Deus da sujeição mútua. Representa, ademais, um enorme desvio do princípio do NT.

Enquanto os que seguem o exemplo da igreja institucional agarram-se a ela com unhas e dentes, todos os Cristãos do primeiro século, sem dúvida, repudiariam essa “cobertura”.

As divisões ideológicas, heresias doutrinárias, independência anárquica e o subjetivismo individualista são problemas severos que atormentam ao Corpo de Cristo em nossos dias. Mas a “cobertura” denominacional/clerical é uma má medicina para purgar a patologia destes males.

O ensino da “cobertura” é em realidade um sintoma do mesmo problema, disfarçado de solução. Como tal, agrava os problemas tenazes do individualismo e da independência, desfazendo a distinção entre autoridade oficial e orgânica. Cria uma falsa sensação de segurança entre os crentes e introduz mais divisões no Corpo de Cristo

Isto é tão grave que o ensino da “cobertura” inocula ao sacerdócio dos crentes, impedindo-lhe que assumam a responsabilidade ordenada por Deus para funcionar em assuntos espirituais. Deliberadamente ou não, a “cobertura” enche de temor os corações de multidões de Cristãos quando afirma que aquele que assumir uma responsabilidade individual nas coisas espirituais sem a aprovação de um clérigo “ordenado”, será presa fácil do inimigo!

Os clérigos de hoje em dia passam muito tempo tratando de vender a idéia de que são necessários para teu bem-estar espiritual. Asseguram que são essenciais para prover direção e estabilidade na igreja. Trata-se do velho sermão de “sem visão o povo perece”. Mas é habitualmente a visão isolada do *clérigo*, sem a qual se perece irremissivelmente!

Deste modo, o ensino da cobertura contém uma ameaça implícita de que os “descobertos” serão culpados de todas as coisas horríveis que lhes ocorrerão. Poucas coisas paralisam tanto o ministério do Corpo que a doutrina da “cobertura”.

Conseqüentemente, se tratamos de remediar os males da igreja empregando a técnica da “cobertura”, terminaremos com um mal pior do que as doenças que se pretendia curar.

Em outras palavras, o ensino da cobertura traz consigo tons, texturas e ressonâncias muito específicas que pouco têm que ver com Jesus, Paulo ou qualquer outro apóstolo. Ainda que aparente uma nuance peculiarmente moderna, é alheia ao método eleito pelo qual Deus mostra Sua autoridade.

O antídoto espiritual para os males da heresia, independência e individualismo não é a “cobertura”, mas a sujeição mútua ao Espírito de Deus e de uns para com os outros por reverência a Cristo. Nada menos que isto pode proteger ao Corpo de Cristo. Nenhuma outra coisa poderá sanar suas chagas abertas.

### **A Sujeição Mútua é Natural à Vida Cristã**

Não nos equivoquemos. Se você estiver funcionando de acordo com a vontade de Deus, estará mutuamente sujeito aos irmãos com quem se reúne. E com muito gosto receberá ajuda e conselho dos irmãos que te levam a dianteira no Senhor.

Bem entendido, a sujeição mútua não é idealista. É prática e vital. Existe quando uma pedra vivente da casa do Senhor recebe humildemente, de uma maneira viva, ajuda e conselho de outras pedras viventes. Deriva-se da consciência sóbria de que por causa de sua ligação com teus irmãos e irmãs em Cristo, as ações e atitudes deles afetam profundamente às suas.

Deste modo, a sujeição mútua cria uma cultura que estima a liderança espiritual mas não a torna absoluta. Reage à autoridade espiritual sem convertê-la num instrumento de controle.

“Relação responsável” e “responsabilidade relacional” governadas pela sujeição mútua, revelam-se espiritualmente sãs e mutuamente enriquecedoras. Não há nada parecido com isso na prática moderna da “cobertura” hierárquica.

### **Um Depoimento Pessoal**

Como alguém que desde 1980 se reúne com várias igrejas no estilo do século primeiro, experimentei o imenso benefício da sujeição mútua. Em particular, descobri a segurança resultante de submeter assuntos cruciais de minha vida e ministério perante a opinião da igreja. Experimentei também a sabedoria de esperar pelo consenso antes de seguir adiante.

Ademais, fui ajudado tremendamente por aqueles provados obreiros Cristãos em outros lugares com quem forcei relações. Embora inexistam qualquer indício de relação oficial ou formal entre nós, gozosa e abertamente recebo o conselho deles sempre que me deparo com um assunto difícil --porque amadureci para confiar em seu discernimento.

Muitas vezes seus conselhos confirmaram o que o Senhor me tinha revelado pessoalmente. Em outras ocasiões, quando descobria algum flanco débil em minha vida, Deus lhes usava para pôr em ordem meus pensamentos. Na verdade, se eu não tivesse atendido a seus conselhos naquelas ocasiões, teria naufragado em águas tormentosas.

Pela mesma razão, estes irmãos foram suficientemente humildes para receber minha ajuda. Isto confirma que a sujeição espiritual sempre *é mútua*. Estas relações são maravilhosamente refrescantes, espontâneas por natureza e incrivelmente informais. Mas são vitalmente necessárias para manter e aprofundar o desenvolvimento espiritual.

As relações desta classe fazem que cresça nosso amor por Cristo e pelos demais. Salvaguardam-nos do erro. Também mantêm um equilíbrio delicado entre a parafernália da separação exclusivista e a dependência patológica para com os demais.

Quando as relações pelas quais um obreiro experimentado instrui e aconselha calouros se deificam, elas se convertem em relações estilo comando, que terminam desembocando quase sempre em idolatria. Ao mesmo tempo, quando estão ausentes ou se rompem, conduzem ao alinhamento.

A sujeição mútua, pois, discrepa daqueles sistemas que criam um contexto onde as pessoas terminam obsedadas com relações que promovem o isolamento enfermioso do Corpo de Cristo.

### **O Ponto Essencial deste Assunto**

Por último, desejo ressaltar a razão pela qual esta discussão a respeito da “cobertura protetora” merece a atenção que lhe dediquei. Porque esta suprime fundamentalmente a Chefatura executiva do Senhor Jesus Cristo. Porque as falsas interpretações envolvendo liderança, autoridade e prestação de contas acabam sufocando o Senhorio de Jesus em Sua igreja.

Isto explica por que estes assuntos são tão delicados. O inimigo sabe que se pode enganar ao povo de Deus nestes pontos, que pode suplantar eficazmente o lugar legítimo de Jesus na comunidade dos crentes e assim frustrar o pleno propósito de Deus. Sem mencionar o dano indizível que faz ao povo de Deus.

Portanto, a finalidade ao examinar criticamente o ensino da “cobertura” e tudo o que está estreitamente ligado a ela é mais do que um mero exercício teológico. Toca o próprio propósito de Deus. Um propósito que se ocupa por completo da absoluta soberania e supremacia de Jesus Cristo.

A sujeição mútua ajuda a sublinhar o motivo central da Bíblia: A preeminência universal de Cristo (Efé. 1:9-10; Filemon. 1:15-20). Porque quando a igreja aprender a sujeitar-se em tudo a Jesus Cristo, se cumprirá o eterno propósito de Deus de fazer que todas as coisas estejam sujeitas e obedientes a Seu Filho (Couve. 1:18).

Como os “primeiros e melhores frutos da criação” (Stg. 1:18), nós Cristãos devemos aprender primeiro a sujeitar-nos à autoridade espiritual. Na medida em que fazemos isso, toda a criação seguirá o exemplo. É por isso que a sujeição à autoridade de Deus é preciosa e significativa.

### **Um Novo Avivamento**

Espero sinceramente que o que apresentei neste livro ajude a dismantelar as barreiras sectárias que se derivam do ensino moderno da “cobertura”. Espero que o leitor pelo menos se sinta estimulado a reconsiderar suas noções a respeito da liderança e da autoridade.



Se recebeu e entendeu adequadamente minha mensagem, sucederá o seguinte: Se dará conta que corre graves riscos ao agir de forma condenatória e petulante para com as igrejas e ministérios que escolheram não se ligar a alguma denominação ou instituição religiosa. Cessará de repetir os clichês da “não cobertura” e do elogio irrefletido a certas expressões populares como “responsabilidade de prestar contas” a líderes.

Assim, aprenderá a reconhecer a unção do Senhor sobre as congregações mais singelas — já não mais as descartará porque não encaixam nos estilos de liderança que inventaram. Também terá um pouco mais de cuidado quando julgar a legitimidade de uma igreja ou ministério. Por último cessará de fazer declarações indiscriminadas a respeito da “cobertura” e da “responsabilidade de prestar contas” a líderes — declarações que estão baseadas num mau uso do NT.

A partir de 1970 o Senhor levantou muitas igrejas caseiras, segundo o modelo do NT, virtualmente em cada parte dos Estados Unidos. No entanto, um mau ensino a respeito da autoridade espiritual causou praticamente o desaparecimento de todas elas. Tragicamente, estas experimentaram a “asfixia” que segue à “cobertura”!

Que não ocorra assim em nossos dias.

Conquanto estamos sujeitos às mesmas debilidades dos que nos precederam, não temos por que sucumbir a seus erros. Se vamos cometer erros, cometamos outros novos!

Como sucedeu na década dos 70, o Senhor agora está reavivando Seu povo com o propósito purificador de restaurar Sua casa. À luz deste avivamento, queira Deus que elimine os velhos odres rompidos que entorpeceram Seu fluir.

Queira Deus que tenha incontáveis grupos de Cristãos que se reúnam *somente* em Seu Filho. Grupos que expressem Seu Corpo em toda a plenitude. Grupos que não tenham visões estreitas, nem modelos de liderança autoritários ou estruturas denominacionais.

Queira Deus, querido leitor que seja adicionado a seu número!

Quiçá uma metáfora final nos ajude a resumir o que foi dito nas páginas anteriores. Podemos comparar a sujeição mútua com a boa música. Quando a sujeição mútua funciona no contexto de uma humildade inteligente e de uma profunda fidelidade à Chefatura de Cristo, produz-se uma formosa melodia que ressoa com a doce harmonia do canto do NT. Mas quando é substituída pelos sistemas hierárquicos que caracterizam o espírito dos gentios, seu som se desvirtua e se torna danoso. Pior ainda, quando é recusada em favor dos pecados pós-modernos do individualismo e da total independência, seu timbre e tom cessam por completo e a morte gelada do silêncio aguarda em seu amanhecer.

## BIBLIOGRAFIA

A seguinte bibliografia comentada contém material de leitura adicional relacionada com os temas tratados neste livro. (Veja também a bibliografia que aparece no livro *Repensando os Odres*).

**Allen, Roland.** *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?*, Eerdmans. Trata de maneira excelente o método Paulino da fundação de igrejas. Allen estava bem além do seu tempo.

**Banks, Robert.** "Church Order and Government". *Dictionary of Paul and His Letters: A Compendium of Contemporary Bible Scholarship*. Contém uma excelente discussão a respeito do conceito Paulino de autoridade, ordem na igreja e obra apostólica.

----- *Paul's Idea of Community*, Hendrickson. Um dos livros teologicamente mais sólidos sobre o conceito de Paulo sobre autoridade, liderança e obra apostólica. Foi escrito por um erudito de primeira ordem do NT.

**Barrs, Jerram.** *Shepherds and Sheep: A Biblical View of Leading and Following*, InterVarsity Press. Apresenta uma crítica aceitável ao "movimento do discipulado/pastoreio" dos anos setenta. Mesmo discordando da opinião de Barrs de que os apóstolos já não mais existem na igreja, o livro é, sem dúvida, valioso.

**Best, Ernest.** *Paul and His Converts*, T. & T. Clark. O livro é um estudo erudito que trata das relações de Paulo com as igrejas que fundava.

**Bryson, George.** "Excuse for Abuse: An Examination of Heavy-Handed Authority Doctrines", *The Word for Today*. Boa discussão a respeito do problema do abuso espiritual na igreja.

**Burks, Rum and Viki.** *Damaged Disciples: Casualties of Authoritarian Churches and the Shepherding Movement*, Zondervan. É um estudo útil do "movimento do discipulado/pastoreio" através dos olhos de dois antigos participantes.

**Campbell, R.A.** *The Elders: Seniority in Earliest Christuanity*, T. & T. Clark. É a investigação mais recente e completa do tema dos anciãos entre os Cristãos e Judeus do primeiro século.

**Campenhausen, Hans Von.** *Ecclesiastical Authority and Spiritual Power in the Church of the First Three Centuries*, Stanford University Press. Ainda que algumas de suas conclusões padeçam de diversos defeitos, sua obra contém numerosas idéias valiosas na temática da autoridade na igreja e do poder eclesiástico, desde uma perspectiva histórica.

**Coleman, Steve.** "A Christian Look at the Shepherding Movement", *Pessoal Freedom Outreach*, 3:2. Contém uma útil discussão a respeito deste movimento.

**Dunn, James D.G.** *New testament Theology in Dialogue*, Westminster Press. Contém uma magnífica discussão a respeito do erro do sistema "clero/leigos" e a idéia moderna da ordenação. Dunn é um dos estudiosos do NT mais notáveis de nossos dias.

**Edwards, Gene.** *A Devaste of Three Kings*, The SeedSowers. Este livro discute o problema do abuso autoritário extraíndo uma série de imagens instrutivas da vida do Rei David. Por focalizar a maneira como Deus quebranta a vida de uma personalidade autoritária, o livro foi usado por alguns líderes para justificar o controle clerical.

----- *Letters to a Devastated Christian*, The SeedSowers. Trata-se de uma série de cartas pessoais planejadas para ajudar a sanar Cristãos desiludidos que foram feridos e amargurados por grupos autoritários.

----- *Revolution: The Story of the Early Church*. The Seed Sowers. Oferece uma excelente perspectiva geral que descreve como a igreja primitiva foi construída por meio do ministério apostólico.

----- *Rethinking Elders*. SeedSowers. Um estudo único a respeito dos anciãos no relato do NT.

**Enroth, Roland.** *Churches That Abuse*, Zondervan. Trata das igrejas autoritárias e seu efeito nos Cristãos.

**Holmberg, Brent.** *Paul and Power: The Structure of Authority in the Primitive Church as Reflected in the Pauline Epistles*, Fortress Press. Abordagem da idéia do poder e da autoridade de Paulo por um erudito do NT.

**Ketcherside, W. Carl.** *The Twisted Scriptures*, Diversity Press. Contém uma discussão franca e penetrante a respeito dos perigos do sectarismo e do partidarismo na igreja.

**Lang, G.H.** *The Churches of God*, Schoettle Publishing. Esta obra contém alguns valiosos capítulos a respeito do denominacionalismo moderno e da tomada da decisão Bíblica na igreja. Pode-se obter do editor escreva para P.O. Box 1246, Hayesville, NC 28904, USA.

**Miller, Hal.** “Leadership in the Church: Ten Propositions”, *Searching Together*, Vol. 1, Não.3, Word of Life Church. É um dos melhores ensaios sobre a liderança no NT.

----- “Nuts and Bolts of Authority and leadership”, *Voices Newsletter*, No. 4. É uma exposição prática e sugestiva a respeito da essência da liderança e da autoridade do NT.

**Miller, Martín.** “The recasting of Authority”. *Sojourners* (February 1979). Magnífica discussão do conceito de liderança e da autoridade no NT.

**Miller, Paul.** *Leading the Family of God*, herald press. Contém uma discussão excelente e prática de como deve ocorrer a tomada de decisões na igreja.

**Milner, Thomas.** *The Messiah’s Service*, editor desconhecido. Trata-se de uma discussão erudita a respeito da liderança na igreja. Esta obra é difícil de encontrar.

**Nee, Watchman.** *A Vida Cristã Normal da Igreja* Living Stream Ministry. É uma obra fundamental a respeito da igreja do NT e da genuína obra apostólica. Explora a fundo a natureza do ministério do apóstolo, bem como o problema do denominacionalismo moderno. Sua única debilidade está no uso que faz da linguagem “oficial”. Ainda que Nee utilize ocasionalmente rótulos não Bíblicos, seu entendimento sobre autoridade é predominantemente funcional.

----- *A Autoridade Espiritual*, editorial Vida. Trata-se de uma das mais abusadas peças literárias escritas no século XX. Praticamente todo movimento autoritário recente tirou proveito deste livro para respaldar o poder de uma liderança de mão de ferro. Embora o livro contenha algumas idéias preciosas, sua debilidade torna o livro perigoso em mãos equivocadas. Lamentavelmente, o livro de Nee é impreciso na distinção que há com respeito ao conceito de autoridade entre o Antigo e o Novo Testamento e não é capaz de distinguir entre a maneira como esta funciona entre dignitários e na igreja. Em defesa de Nee, diria que este livro nunca foi planejado para o grande público. É meramente uma transcrição de mensagens que deu a seus colaboradores na China.

**Quebedeaux, Richard.** *By GAT Authority: The Rise of Personality Cults in American Christianity*, Harper & Row. É um livro penetrante que trata do problema do culto à personalidade e do abuso de autoridade.

**Schütz, J.H.** *Paul and the Anatomy of Apostolic Authority*, Cambridge University press. É um estudo cuidadoso do conceito Paulino sobre autoridade apostólica.

**Smith, Christian.** “Church Without Clergy”, *Voices in the Wilderness*, (Nov/Dec 1988). Profunda discussão tocante ao perigo prático do esquema “clero/leigos”.

----- *Going to the Root*. Herald Press. Contém vários capítulos de excepcional qualidade a respeito da liderança, da responsabilidade de prestar contas e da tomada de decisões na igreja

**Stabbert, Bruce.** *The Team Concept*, Hegg Brothers Printing. É uma discussão muito completa do ensino do NT com respeito aos anciãos. Assegure-se de conseguir a edição original de 1982.

**Viola, Frank.** *Rethinking the Wineskin: The Practice of the New Testament Church (Third Edition)*. [*Repensando os Odres: A Prática da Igreja do Novo Testamento*]. Este livro expõe as bases deste livro que o leitor tem em suas mãos. Inclui uma ampla discussão a respeito de como a igreja do NT praticava liderança, autoridade, unidade e tomada de decisões, e explora estes temas desde uma dimensão espiritual, prática e teológica.

----- *So You Want to Start a House Church?*, Present Testimony Ministry. Este livro discute como plantavam igrejas os obreiros apostólicos no primeiro século, e como o fazem hoje em dia. Pode-se obter consultando [www.ptmin.org](http://www.ptmin.org)

----- at o. *The House Church Movement: Which Direction Will It Take?* SeedSowers. Aqui se discute como as igrejas modeladas segundo o NT são conduzidas hoje.

**Warkentin, Marjorie.** *Ordination: A Biblical Historical View*, Eerdmans. Maravilhosa exposição das origens antibíblicas da ordenação clerical.

**White, John and Blue, Ken.** *Healing the Wounded: The Costly Love of Church Discipline*, InterVarsity. É um estudo útil a respeito do conceito Bíblico da disciplina na igreja. Inclui o artigo de John H. Yoder, “Binding and Loosing” no apêndice.

**Yoder, John Howard.** “Binding and Loosing”, *Concern*, Não. 14 (February, 1967). É uma penetrante discussão a respeito da disciplina numa igreja ao estilo do NT.

----- “The Fullness of Christ”, *Perspectives on Ministries in Renewal*. É uma descrição magistral e muito desenvolvida do conceito de liderança e autoridade do NT.

**Zens, Jon.** “Building Up the Body: One Man or One Another?”, *Searching Together*, Vol. 10, Não.2, Word of Life Church. É um esplêndido estudo a respeito de como o Corpo de Cristo foi chamado a funcionar no ministério. (Veja também as seguintes edições de ST 11:3; 13:1; 13:3; 21:1-4; 23:4) [*ST se pode obter do editor escrevendo para P.O. Box 377, Taylors Falls, MN 55084, USA.*]